

Tribuna da Luta Operária

Nº 12, ANO I, DE 19 A 30 DE ABRIL DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

TODOS JUNTOS COM O ABC!

Governo mandou TRT decretar ilegalidade da greve. Quer a todo custo impor o arrocho. Ameaça intervenção nos sindicatos e repressão contra os operários.

Todo apoio é necessário para sustentar a greve e derrotar a conspiração da ditadura, patrões, pelegos e imprensa reacionária contra os metalúrgicos (última página).



TRABALHADOR UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO



Editorial

Eleva-se o nível das lutas

O Brasil está vivendo dias excepcionais. Em São Paulo, a greve dos metalúrgicos dá a medida de quanto a classe operária avançou de um ano para cá. O Sul ainda vive o impacto da rebelião da soja, que jogou a população em peso contra o governo. No Rio, a inquietação social começa a se manifestar até nas tropas da PM. No Pará foram os construtores da hidroelétrica de Tucuruí que se levantaram. Enquanto isso, em Brasília, o partido do governo, formalmente majoritário no Congresso, não se arrisca nem a enfrentar votações com medo de ser derrotado. Poucas vezes se viu neste país um período tão agitado.

Certos figurões das classes dominantes — que por sinal nada têm de tolos — enxergam neste clima o perigo de uma convulsão social, que teria consequências trágicas para eles. É o caso do senador Tancredo Neves, que propõe com insistência uma “união nacional” (na verdade, uma aliança entre o seu PP e o governo). Tancredo assegura que, sem essa união, a explosão da “indisciplina social” seria uma questão de meses, devido à “crise avassaladora” que arrasa o país.

Já o povo encara a situação sob um ângulo inteiramente distinto. É ele que suporta todo

o peso da crise econômica e da desastrosa política imposta desde 1964. Do seu ponto de vista, portanto, não há qualquer motivo para se prolongar a agonia do regime militar ditatorial e do governo Figueiredo. Nada justifica a união com um sistema antipopular, antinacional e, ainda por cima, em processo de decomposição. Daí a conotação radical — no bom sentido do termo — que as lutas populares estão assumindo. A radicalização, no caso, não se opõe à amplitude. É visível o alargamento das forças que se põem em movimento. E é da mesma forma visível o avanço dos objetivos, das forças e da disposição de luta do povo.

Diante da crise, a resposta das camadas populares — sobretudo os trabalhadores urbanos e rurais — tem sido não a de buscar a aproximação com o governo militar de Figueiredo, mas sim a de concentrar ainda mais o fogo do ataque sobre este. Não a de estender a mão aos opressores e exploradores, mas sim a de multiplicar as iniciativas de massas destinadas a combatê-los. É neste movimento crescente que estão depositadas as esperanças de todos os que de fato desejam superar, em favor da maioria dos brasileiros, a grave crise que o país atravessa.

Aqui está Flávia livre

Página 3



CDM
ARAGUALA OITO ANOS DEPOIS
1º DE MAIO DE UNIÃO E LUTA

Página 4

Página 5

No Sul 55 mil metalúrgicos ameaçam greve

Porto Alegre, RS. Os metalúrgicos da Grande Porto Alegre realizaram no dia 11 uma assembleia decisiva em sua campanha salarial: 3 mil operários disseram não à contraproposta patronal. Eles decidiram reivindicar 100% de aumento, piso metalúrgico de 8.100 cruzeiros, piso profissional de 50 cruzeiros por hora, reajuste trimestral, delegado sindical e aceitação de atestados do INAMPS e sindicato. Os patrões querem dar 83,44% de aumento e piso de 4.800 cruzeiros, negando as demais reivindicações. Uma atitude arrogante, mostrando que os capitalistas do Rio Grande do Sul estão subestimando a força dos operários.

Não aos patrões

"A vaca tem quatro tetas e nós nem apertamos a primeira" — foi como um metalúrgico abriu a assembleia, indicando o imenso arsenal de que a classe operária dispõe e que apenas começou a utilizar. Outro orador ridicularizou a proposta dos patrões, dizendo que ela "não dá nem pra comprar milho pros pintos". A platéia vibrava a cada vez que se indicava a

greve como único caminho para os metalúrgicos obterem suas reivindicações. Outro ponto destacado foi que a política do arrocho salarial é o principal sustentáculo da intransigência dos patrões.

Preparação em marcha

Foram formadas comissões de fábrica para mobilizar o conjunto da categoria, garantindo um comparecimento maciço na próxima assembleia, dia 18 de abril.

Os operários que publicam o boletim "Nós, Metalúrgicos" propuseram a suspensão das horas extras e a redução da produção, para já ir pressionando os patrões, além de preparar a categoria para batalhas maiores, como a greve. Faltou ainda, porém, uma exigência fundamental na pauta de reivindicações: a estabilidade por 12 meses para todos os metalúrgicos, de forma a impedir que os patrões anulem as conquistas dos trabalhadores através da rotatividade. Demitem os operários após o aumento salarial para readmiti-los depois com salários mais baixos. E ainda botam na rua quem mais se destaca no movimento reivindicatório. (Da Sucursal).



Estudantes unidos na UEE

Vitória da UEE gaúcha

Santa Maria, RS — Em recente Congresso, a UEE gaúcha foi reafirmada como entidade máxima e unitária dos estudantes gaúchos, derrotando-se posição conciliadora que alegava existirem duas entidades, o DEE e a UEE, propondo sua unificação, esquecendo que o DEE foi criado pela ditadura para tentar substituir e destruir a UEE-RS. Decidiu-se também não filiar a UEE a nenhum partido. (Da Sucursal).



Menores abandonados

"Trombadinhas" são vítimas

São Paulo, SP. O Movimento em Defesa do Menor proclamou 1980 "Ano zero da criança brasileira". E vem trabalhando com todas as forças para divulgar o verdadeiro quadro da infância no Brasil, principalmente dos menores abandonados e infratores, "trombadinhas" e "pivetes". O movimento denuncia a FEBEM como um "órgão despreparado, corrupto", feito para esconder e não para resolver o problema. E vincula a solução deste à conquista do direito à saúde, trabalho e educação para todos.



Reunião: o povo enfrenta a carestia

MCC do Norte a Sul

São Paulo, SP. O Movimento Contra a Carestia continua criando raízes na periferia. No dia 13, 70 pessoas, representando 27 bairros da Zona Sul, reuniram-se para discutir a Campanha contra os abusos da Light. Foram feitas várias denúncias, como esta, de uma empregada doméstica: "Na casa onde eu trabalho passa-se roupa todo dia, tem geladeira, 4 televisões, liquidificador, 2 chuveiros com aquecedor e vários bicos de gás. Por que um barraco que não tem nada disso, só 2 bicos de luz,



Manifestação pela reforma agrária

Luta pela terra no Estado do Rio

Cachoeiras de Macacu, RJ — Realizou-se aqui um grande ato de solidariedade aos camponeses da fazenda São José da Boa Morte que recentemente foram presos por se recusarem a abandonar a terra em que plantavam. Presentes centenas de camponeses e delegações de sindicatos rurais, da Igreja, parlamentares, Contag, Feta-RJ. Vozes gritavam em coro: "estamos dispostos a morrer pela conquista da terra". Os camponeses fluminenses não estão mais dispostos a serem expulsos. Reagindo até mesmo com violência, defendem a terra. Há 47 áreas conflagradas no Estado, envolvendo cerca de 25 mil camponeses. E sua luta tem tomado novo ímpeto com a reorganização dos sindicatos rurais, que já são 32.

Em Jaceruba, município de Nova Iguaçu, 600 camponeses se reuniram para a posse da diretoria do

Exigida demissão de Delfim Netto

Porto Alegre, RS — Mais de cem dirigentes de sindicatos e cooperativas rurais do Estado reuniram-se e exigiram, por unanimidade, a demissão dos ministros Delfim Netto, do Planejamento e Amauri Stabile, da Agricultura. Os agricultores negam-se a vender soja e plantar trigo. Quanto à soja, dizem que o governo só fingiu que acabou com o confisco, pois estabeleceu um tabelamento que dá quase o mesmo prejuízo. E o financiamento do trigo é insuficiente para o plantio. Para os agricultores, Delfim, Stabile e, acima deles, Figueiredo, são culpados pelos caos da agricultura e pela falta de alimento para o nosso povo. (Da Sucursal).

Secundaristas em frente

São Luís, MA. Quinhentos secundaristas de diversos colégios da capital maranhense reuniram-se no dia 28 de março para discutir seus problemas. "Nosso ensino é precário por culpa da ditadura militar implantada em 1964" — disse um deles. E fez um apelo para que nenhum dos presentes se acomodasse: "Se formos covardes, seremos inúteis para o resto da vida".

O "1º Encontro do Secundarista Ludovicense" discutiu também o problema dos "centros cívicos". Constatou que eles estão sob o controle das direções dos colégios e sugeriu que todos os secundaristas participem da luta pela volta dos grêmios estudantis, das representações municipais e estaduais.

Depois de cantarem o Hino Nacional e "Para não Dizer que não Falei das Flores", os estudantes também renderam homenagem aos líderes do movimento assassinados e "desaparecidos" pela ditadura, em especial Edson Luís. (Da Sucursal)



O povo quer terra

sindicato rural, reorganizado. Sua carta sindical tinha sido cassada pela ditadura militar. Todos salientaram a importância dessa vitória e se definiram pela "Reforma Agrária imediata" e "pela união dos trabalhadores do campo e da cidade". (Da Sucursal).



Cerca derrubada: grilagem

Grileiro ataca

Santa Maria da Vitória, BA — Subornando prefeito e promotor e fazendo ameaças, a Agropecuária Formosa do Guarã tenta expulsar 20 famílias de posseiros e ocupar suas terras. Com trator foram derrubados 4 km de cerca e uma ponte, para intimidar os posseiros. O grileiro é financiado pela SUDENE e pelo IBDF. (Da Sucursal).

Passeata dos motoristas

Santo André, SP. "Queremos eleição, abaixo a intervenção", "Abaixo o patrão, sindicato do peão" — com estas e muitas outras palavras de ordem, os motoristas de ônibus do ABC cruzaram a cidade de Santo André em passeata, protestando contra o adiamento das eleições no seu sindicato. Eles também se concentraram diante da sede da entidade, da Delegacia Regional do Trabalho e do próprio gabinete do Ministério do Trabalho, em São Paulo. E prometem continuar lutando, pois no fundo tudo não passa de uma manobra para evitar que a oposição conquiste a vitória nas eleições que estavam marcadas para 16 de abril.

O adiamento foi decidido pela DRT — declarou a Tribuna um dos membros da chapa de oposição — mas nós sabemos que atrás disso está a diretoria. E a luta vai ser dura, porque a gente não enfrenta só uma diretoria, mas todo o poderoso mundo político dos transportes". Os motoristas, porém, estão dispostos a vencer.



O protesto diante do sindicato

Encontro Nacional da Tribuna

A Tribuna Operária vem cumprindo seu programa "em defesa dos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, pela mais ampla liberdade política, pela democracia popular e a independência nacional, pelo socialismo", anunciado no número zero. Esta foi uma das conclusões do primeiro Encontro Nacional dos colaboradores do jornal, realizado dias 4 e 5 de abril último, em nossa sede, em São Paulo.

Da reunião, de caráter consultivo, convocada pela equipe de direção do jornal, participaram representantes de doze sucursais: Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Estiveram presentes 35 pessoas, entre elas mais de uma dezena de operários.

Todos aprenderam com a rica troca das experiências das diversas sucursais, na implantação da Tribuna, e com as numerosas sugestões apresentadas para a sua evolução.

Tribuna Operária

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernarço Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar
 Jornalista Responsável: Walmor Marcondes
 Endereço da Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, São Paulo, Capital - CEP 01325
 Sucursal Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307, Lapa - CEP 20241
 Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000
 Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307, Salvador - CEP 40000
 A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
 Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 40, conjunto 206 - fone: 228-5837 - CEP 01033 - São Paulo, Capital. É composta e impressa nas oficinas da Cia. Editora Jorues.

Chapa 2 no sindicato

Tauá, CE — Não adiantou o delegado do Trabalho invalidar a vitória da oposição, no ano passado, no sindicato de trabalhadores rurais local. Em nova eleição a oposição foi outra vez vitoriosa. Apesar da intervenção, os camponeses não desanimaram e trabalharam ainda mais intensamente unidos e organizando seus companheiros. E venceram! (Da Sucursal).

Sarney vende o "grilo"

São Luís, MA — O senador Sarney, presidente nacional do partido do governo (PDS), não passa de um grileiro. O jornal "Campo e Cidade" denunciou Sarney por vender a Fazenda Maguary, de mais de 5 mil hectares, em Santa Luzia, fazenda esta que não lhe pertence. Ali moram posseiros há mais de 20 anos. A farsa da "venda" foi feita em 21 de janeiro no cartório "Osvaldo Soares". O contrato tem o nome de "escritura pública de compra e venda de benfeitorias e cessão de posse". E, onde devia citar o número da transação anterior, consta: "nã há". Sarney usou um artifício, vendendo as benfeitorias, sem ter a terra. Mas as benfeitorias não estão no ar. Estão na terra, que não lhe pertence. E não podia dar "cessão de posse", pois quem detém a posse dessas terras são as 106 famílias de posseiros que ali vivem e que, com esse negócio, ele simplesmente roubou. Mesmo se livrando das terras que grilou, o senador Sarney não será esquecido pelo povo maranhense e brasileiro como o maior grileiro do Maranhão (Da Sucursal).

Montec. brutal exploração

Fortaleza, CE — Os operários da Montec chegam a trabalhar 10 meses sem carteira assinada. São obrigados a fazer 5 horas extras por dia, sem receber os 25 por cento de lei. Se não fazem extra, pagam 40 cruzeiros de refeição e ainda são suspensos. Quando aparecem os fiscais do Ministério do Trabalho, os patrões mandam os operários em situação irregular se esconder nos fundos da fábrica. Srs. fiscais, que tal dar uma volta por dentro da fábrica e conversar com os operários? (De "O metalúrgico", do sindicato dos metalúrgicos de Fortaleza).

Trama suja da DRT

Recife, PE — O sindicato dos eletricitários daqui está há anos dominado por pelegos que nada fazem pelos trabalhadores. Numa eleição de vogal os trabalhadores resolveram comparecer em massa e derrotaram o pelego. O funcionário da DRT veio em auxílio do pelego e, alegando coisas absurdas, anulou a eleição. E quando os trabalhadores reclamaram, chamou a polícia, alegando agressão verbal. Os únicos agredidos foram os eletricitários. Mas a resposta dos trabalhadores virá na próxima eleição para a diretoria, que será em setembro. (Do correspondente).

Em defesa da Amazônia

Belo Horizonte, MG — Cerca de três mil pessoas reuniram-se aqui, no parque municipal, em manifestação promovida pelo Núcleo Mineiro de Defesa da Amazônia. Essa campanha, lançada em 17 Estados, visa mobilizar o povo para defender a região da invasão do grande capital e impedir que passe no Congresso projeto do governo de entrega da Amazônia. (Da Sucursal).

Radialistas em luta

Maceió, AL — Os radialistas alagoanos ganham baixos salários e estão decididos a melhorá-los. Elegeram uma nova diretoria para o sindicato. Souberam do DIEESE que precisam de um aumento de 248% para recuperar seu poder aquisitivo de 1965. Os patrões recusaram, e eles resolveram lutar junto com os jornalistas para dobrar a intransigência patronal. (Do correspondente).

Petroquímica mata operários

Camaçari, BA — Walter Ribeiro, presidente do sindicato dos trabalhadores petroquímicos da Bahia denunciou a alta incidência de doenças e de mortes no setor. Falou do "câncer na pele provocado pelo PVC", do "benzenismo, provocado pelo benzino"; E uma doença não identificada, que provocou a morte de alguns operários, "botando sangue por todos os poros". Disse que logo após o 1º de maio será iniciada a campanha salarial, com data-base em setembro. Lembra que em 1979 conseguiu-se o reconhecimento de comissões de fábrica, mas que na prática foram impedidas de funcionar por sabotagem patronal. Este ano pretende decidir isso. Em Camaçari há 12 mil petroquímicos em 30 indústrias. (Da Sucursal).

Centro de cultura operária

São Paulo, SP. No dia 26 de abril, às 19 hs., será realizada no teatro Célia Helena — r. Barão do Iguaçu, 113 — a solenidade de fundação do Centro de Cultura Operária de São Paulo (CCO), que tem por finalidade a difusão da cultura da classe operária, de sua história, sua consciência e suas lutas.

O Centro promoverá palestras, cursos, editorar livros e boletins, divulgando a teoria marxista-leninista, o socialismo, a experiência da classe operária em todo o mundo, e trabalhando para a formulação da política e dos objetivos da classe para resolver a crise do país.

O lançamento do CCO contará com a presença de representantes de movimentos populares, parlamentares e personalidades, entre elas João Amazonas e José Duarte. Na reunião, será também feita a leitura dos estatutos e a eleição da diretoria e Conselho Fiscal da entidade.

Favelados reivindicam

Pirituba, SP. Mais de 300 favelados concentraram-se dia 19 passado diante da Administração Regional de Pirituba, até serem recebidos pelo administrador, para a entrega de um abaixo-assinado, coim mais de 600 assinaturas, reivindicando luz, limpeza do córrego e desratização das favelas. Agora, continuando a luta, vão fazer um abaixo-assinado exigindo creches e comparecerão à concentração do Movimento de Favelados de São Paulo diante da Prefeitura, no dia 16.

Professores vão à greve

Belo Horizonte, MG. 22 de abril: se até essa data o governo mineiro não atender as reivindicações dos professores da rede estadual, estes, coordenados pela União dos Trabalhadores do Ensino (UTE), deflagrarão uma greve em escolas de 200 cidades, contando com a adesão dos serventes. Os professores, que paralisaram por dois dias as aulas em mais de 100 colégios de Belo Horizonte, no mês passado, exigem 104% de aumento, efetivação de todos os contratados e equiparação dos professores aposentados. Querem também a rejeição de um projeto de efetivação da categoria, cuja votação na Assembleia foi adiada devido às suas pressões. (Da Sucursal)

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
 Endereço:
 Bairro:
 Estado:
 Fone:
 Este cheque tem valor de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda, Banco Itaú, Aq Jaceguai, conta Nº 03154, São Paulo, Capital.



Levante dos peões da Camargo Correia: contra a fome e a opressão

Sinais de tensão na Polícia Militar

Os tempos estão mudando. Até na PM reclama-se.

A insatisfação está tomando conta da tropa e até da oficialidade da Polícia Militar. O sinal mais evidente foi a ocupação do Palácio da Guanabara por 600 oficiais da PM do Rio de Janeiro. Durante umas 12 horas eles mantiveram o governador Chagas Freitas praticamente prisioneiro, exigindo equiparação entre os seus soldos e os do Exército (um segundo tenente recebe 18 mil cruzeiros mensais no Exército e 13 mil na PM). O movimento terminou por conseguir uma melhoria dos soldos, mas em seguida choveram as punições, inclusive prisões.

O aumento foi divulgado junto com chamamentos à "fidelidade" e à "disciplina". Afinal, até agora o governo tem se valido principalmente da Polícia Militar para reprimir os movimentos grevistas considerados ilegais. Mas há indícios de que a vitória conseguida no Rio não aplacou o descontentamento dentro da corporação. Em São Paulo, oficiais de baixo escalão já ousam até participar de iniciativas do movimento democrático, e dizem que este é o desejo do grosso da tropa. Em São Bernardo, os metalúrgicos em greve citam inclusive casos em que policiais auxiliaram a ação de piquetes, por exemplo ligando as sirenas de suas viaturas para afugentar "fura-greves" que estavam se dirigindo ao trabalho.

Até hoje, em geral, a tensão que a corporação vive resultou numa violência repressiva até maior contra as greves e movimentações populares. Mas vários pronunciamentos de autoridades civis e militares deixam entrever o temor de que as pressões até agora contidas venham a explodir em sentido contrário.



Novamente com o pai e com o povo

O povo arranca Flávia da prisão

Depois de sete anos nos cárceres uruguaios ela voltou nos braços de 2 mil brasileiros e no coração do povo cuja luta a libertou.

No dia 15, finalmente, a volta de Flávia Schilling ao Brasil marcou a vitória da luta pela sua liberdade, que vem desde a implantação do movimento de anistia. De lá para cá, a volta de Flávia foi um desejo comum de todos os que se interessaram pela luta por liberdades democráticas e sobretudo pelo resgate de todos os brasileiros presos por motivos políticos, dentro e fora do Brasil. Abaixo-assinados, textos, caminhadas, coletas de fundos foram se multiplicando até que agora a volta de Flávia prenuncia o nascimento de um novo dia para os povos do Cone Sul, sobretudo o uruguaio.

Primeiras palavras pela solidariedade ao Uruguai

O resgate de Flávia pelo povo certamente ajudará o desencadear o apoio e efetiva solidariedade dos brasileiros

aos povos latino-americanos, que têm sido vítimas de violenta repressão política e policial, em sua luta de libertação.

As primeiras palavras de Flávia em São Paulo foram de solidariedade para com suas companheiras de cárcere e para com os presos políticos uruguaios: "Eu não posso deixar de pensar nas companheiras que ficaram lá, porque é uma juventude muito valiosa".

Os movimentos de anistia do Brasil acreditam que sua luta, fortalecida nesta conquista, avançará, vitoriosa, até alcançar em plenitude a anistia. Até ver esclarecidos todos os casos de assassinatos e desaparecimentos de presos políticos, até o fim da Lei de Segurança Nacional e dos aparelhos de repressão, até a punição dos que cometeram crimes de tortura e de violência — contra brasileiros, combatentes da liberdade. E Flávia volta a sua casa para continuar esta luta. (M. Auxiliadora Arantes)

A revolta de Tucuruí

Depois de muita comida ruim, muito desconto injusto, muita prisão e desaforo dos guardas da Camargo Correia, os peões de Tucuruí resolveram dar um basta na situação. Tucuruí é uma enorme usina hidroelétrica em construção no Estado do Pará, onde trabalham mais de 15 mil operários. E na semana santa transformou-se num verdadeiro campo de guerra, onde a Polícia Militar chacinou a tiros um número não revelado de peões (entre 4 e 18, inclusive uma criança, segundo se comenta).

O motivo do massacre foi uma revolta contra o estado de semi-escravidão em que se encontram os trabalhadores. Uma multidão de cerca de dois mil peões investiu contra os odiados guardas de segurança, atacou viaturas da Camargo Correia, invadiu o supermercado que existe no acampamento e tomou os mantimentos de que preci-

sava. Foi mais uma explosão da fome contra a opulência, de quem comeu feijão com arroz e ovo na sexta-feira santa contra quem se banqueteu com bacalhau, de quem vive oprimido e humilhado contra quem pensa ser dono do país.

Assim como as depredações de trens suburbanos, que voltaram a repetir-se em São Paulo, na semana passada, os acontecimentos de Tucuruí põem a nu duas realidades gritantes no Brasil de hoje: a violência repressiva contra a gente simples do povo, que não cessou e nem mesmo reduziu-se com a "abertura" de Figueiredo; e a carga considerável de revolta que anda no coração dos trabalhadores brasileiros. Revolta nem sempre consciente, mas cheia da energia intuitiva que impulsiona as causas justas.

Artigo de Aldo Arantes, ex-presidente da UNE, cassado e anistiado

Porque apoio a Tendência Popular

Não houve, por parte das oposições, a unidade suficiente no combate decidido ao projeto de reformulação partidária, na defesa da livre organização de todas as correntes de opinião e contra a extinção arbitrária do MDB. Por que isso ocorreu?

Na verdade, alguns setores da oposição, de forma mais ou menos clara, têm avaliado que a luta central já não é mais contra o regime militar. Daí decorre uma série de "deduções lógicas", tais como a de não ser mais necessária a manutenção da frente política forjada no MDB.

De fato, já não se pode mais caracterizar o regime como fascista, como se não houvesse nenhuma alteração na conjuntura. Conseguiu-se uma ampliação das liberdades políticas no país. No entanto, é um erro imaginar que com essas alterações a luta pela conquista da democracia tenha se esgotado. A realidade é bem outra.

O regime continua nas mãos dos militares, o aparato terrorista permanece montado, a legislação antidemocrática está em vigência. Não se conseguiu a livre organização de todas as correntes de opinião do país, não existe uma efetiva liberdade de imprensa e de expressão do pensamento. Diante desse quadro é uma miopia política perder de vista a atualidade da luta contra o regime militar.

A luta popular cresce

A emergência da luta dos operários, posseiros e assalariados agrícolas, estudantes, professores e outras camadas sociais, deu maior amplitude à luta

democrática. Mas o MDB não foi capaz de assimilar essa nova realidade social e incorporar as lutas populares. E essa foi uma das causas que contribuíram para a dispersão política das oposições. Porém, diante da grave crise econômica-social que atravessamos, essa dispersão tenderá a ser superada através de uma prática política comum. E a atual greve dos metalúrgicos do ABC tem dado mostras disso.

Por entender que a luta contra o regime militar continua na ordem do dia, sou de opinião de que a opção político-partidária mais correta é aquela que permitiu a configuração de uma frente política contra o regime — o PMDB. E é



Aldo da Silva Arantes

Entrevista de Lysâneas Maciel, ex-deputado federal, cassado e anistiado

A oposição popular é que tem futuro

Lysâneas Maciel ganhou o respeito e admiração das forças democráticas e populares do Rio de Janeiro, pela contribuição que deu ao desenvolvimento de sua luta e de sua unidade, durante os anos mais opressivos da ditadura militar, como deputado federal pelo MDB.

Por sua atitude firme em defesa dos interesses populares, despertou o ódio das forças fascistas: em 1976 teve seu mandato cassado e foi obrigado a exilar-se na Europa. Atualmente, faz parte de uma corrente avançada, mas minoritária dentro do PTB. Sua entrevista:

"Tenho preocupação quanto à unidade das oposições. Tem que haver definição de unidade — para quê e em torno do quê? Sempre entendi que as tensões são salutares e mesmo criativas dentro dos partidos da oposição, face à multiplicidade de análise, mesmo dentro da perspectiva marxista. É importante observar que o MDB, que foi sempre dominado pela direita, só teve momentos realmente de partido de oposição quando essas tensões criadas por grupos internos o obrigaram a avançar.

Aliança com os liberais

Vejo com bastante apreensão o problema das alianças. Defendo firmemente a aliança com liberais e burgueses progressistas, mas que fizeram opção definitiva pela luta dos oprimidos e trabalhadores. Aprego-se como importante uma aliança generalizada com os liberais. É perigoso e pode retardar o processo de transformação, pois tais liberais, em momentos críticos, vão se conservar fiéis às suas classes. Exemplo disso: as dificuldades de Arraes e outros oposicionistas combativos para serem admitidos entre os 101 fundadores do

PMDB. A unidade se fará em torno de questões concretas: direito de greve, legalização do PC, autonomia sindical, etc.

No PTB, contra a manipulação

Sobre o PTB, quero dizer que o Brasil nunca teve tradição de partidos realmente populares. Mesmo a experiência do PC tem sofrido várias crises, em grande parte causadas pela repressão, clandestinidade. Por isso, as classes trabalhadoras têm que usar canais tradicionais, até que os movimentos populares de base, que são fortes atualmente, desmolequem num partido. Um partido é realmente popular quando ele é o resultado da luta e não o início dela.

O PTB também é um partido de grandes tensões internas. E o problema principal não é a luta entre históricos e progressistas. Mas sim, a luta para que o PTB supere uma antiga tendência de manipulação populista dos trabalhadores. Nosso grupo se propõe a ter como diretriz os interesses da classe trabalhadora e, neste particular, até agora, não se pode apontar desvios de Brizola. Registramos que nossa proposta partidária não é a ideal, mas é a possível, dentro dos limites estreitos impostos pelo regime de força. Fizemos uma clara opção pelo socialismo, contrariando, fortemente, grandes parcelas do PTB.

Tendência Popular: o caminho

Minha opinião sobre a Tendência Popular do PMDB é de que é o caminho. É importante destacar duas grandes virtudes da proposta: 1) abrir espaço para os trabalhadores; 2) mudar

por levar em conta a emergência dos movimentos populares que penso ser indispensável a existência da Tendência Popular do PMDB.

O fato de não se ter conquistado a livre organização de todas as correntes de opinião no país, impõe certos limites para a opção partidária. Por isso, não se pode ter ilusões com os partidos criados, imaginando que eles irão incorporar todo o movimento popular ou que será possível a organização de um verdadeiro partido dos trabalhadores debaixo do regime militar.

Alguns setores argumentam que a formação da Tendência Popular poderia dificultar a unidade do PMDB. Essa avaliação é falsa. A existência de correntes dentro do PMDB é garantida pelos próprios estatutos do Partido. Além disso, a experiência mostrou que a formação do grupo dos autênticos, longe de comprometer a unidade do MDB, foi um fator fundamental para dar àquele partido a credibilidade que ele necessitava. Para que a Tendência Popular se viabilize, viabilizando o PMDB como um partido de massas, é essencial levantar com determinação as bandeiras da luta pela convocação de uma Assembléia Constituinte livre e soberana, da livre organização de todas as correntes de opinião, da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, a realização das eleições de 1980. É indispensável combinar essas lutas políticas com a luta em defesa da terra, pela liberdade e autonomia sindicais, livre negociação de salários, em defesa da soberania nacional. Além disso, a Tendência Popular se viabiliza na medida que combina a luta parlamentar e extra-parlamentar.



Lysâneas Maciel

as perspectivas políticas para os trabalhadores. Num primeiro momento, abrir espaço. E em seguida, depurar a proposta política.

A proposta da Tendência Popular restabelece, para o povo, que tem sido o grande ausente, o direito de participar da política. É uma cegueira não conseguirmos isso.

Ninguém vibra, atualmente, com esses partidos que estão aí como resultado da reformulação partidária do governo. Mas, as oposições populares têm futuro. O novo fenômeno é o dos movimentos de massas. Houve grande evolução entre as classes trabalhadoras, que independe desses partidos institucionais. Houve um salto qualitativo que pouca gente está percebendo: os trabalhadores já não admitem ser manipulados por ninguém.

Pomar está de volta ao Pará

Transladados de São Paulo, foram sepultados em Belém, em 12 de abril, os restos mortais de Pedro Pomar, dirigente do PC do Brasil. Nas fotos, Pomar quando deputado federal, em 1947; abraçando o dirigente albanês, Enver Hodja, em 1967. E, na cerimônia do traslado, em São Paulo, o momento em que Elza Monnerat lê nota do Comitê Central do PC do Brasil.

Homenagem aos mortos do Araguaia

Comitês de Anistia e Igrejas assinalam 8º aniversário da investida do Exército no sul do Pará.

No dia 12 de abril de 1972, tropas do Exército atacavam o povo pobre do sul do Pará, a pretexto de dar caça a subversivos. Começava assim a resistência guerrilheira do Araguaia, que se prolongou por três anos e só recentemente tornou-se mais conhecida. Agora, o episódio foi rememorado pelos CBAs em diversos Estados. No Rio de Janeiro e em Minas Gerais, setores religiosos associaram-se à comemoração. E o Congresso da UEE do Rio Grande do Sul aclamou como seu patrono o guerrilheiro "João Haas Sobrinho", que morreu no Araguaia. Ele atuou na UEE-RS.

No Rio de Janeiro, o 12 de abril foi assinalado por um culto ecumênico presenciado por centenas de pessoas, que enchiam a Igreja de Nova Iguaçu. O culto foi oficiado por D. Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, por um padre católico e cinco pastores de di-

ferentes seitas protestantes. E contou com a participação de numerosos familiares dos que morreram ou desapareceram naquela luta, além do Comitê de Defesa da Amazônia e da Comissão Justiça e Paz de Nova Iguaçu.

Durante a cerimônia, voltou à tona a profunda impressão que a luta guerrilheira deixou na memória das pessoas e forças políticas comprometidas com a causa do povo. O padre que co-oficiou o culto ressaltou o despreendimento dos jovens que abandonaram as comodidades da vida urbana para viver e lutar junto com o povo pobre do interior. Um dos pastores comparou-os a grãos de milho semeados na terra, que por algum tempo parecem mortos, mas logo renascem e produzem novas espigas. Outro pastor dirigiu-se às famílias dos guerrilheiros, dizendo que não lhes daria pêsames, mas parabéns pelos filhos que haviam criado.

Com operário não se brinca

Greve na fábrica da Estrela.

O salário de fome, a miséria e a exploração levaram à greve boa parte dos 7 mil operários da fábrica de brinquedo Estrela, de São Paulo. No dia 10 pela manhã, uma seção parou. A tarde, pararam mais quatro. O diretor da fábrica tentou dobrar o pessoal, mas a turma ficou firme.

No mesmo dia, uma assembléia reunia mais de cem operários. Pressionados pela direção do Sindicato, os operários elegeram uma comissão para negociar, com a diretoria da fábrica, e se comprometeram a voltar ao trabalho, enquanto esperavam o resultado da negociação. Mas à noite, mais 700 trabalhadores, descontentes com a proposta do Sindicato, pararam também.

Nas conversações, os operários reivindicaram aumento de 60%. A diretoria da Estrela achou aquilo um absurdo, propôs 6% de aumento e 6% de antecipação salarial. O presidente do Sindicato pressionou em favor da contra-proposta patronal. "Mas é da antecipação que nós estamos fugindo, e 6% não dá para nada", disseram os operários. E terminaram conseguindo arran-



A Estrela no dia 10: parada car 10% de aumento e 2% de antecipação.

Os trabalhadores da Estrela acham que obtiveram duas vitórias: fizeram greve, assembléia, e conseguiram uma melhoria salarial. Mas acham que podem obter mais: não desconto das horas paradas, estabilidade para a comissão que elegeram, não dispensa dos grevistas. Eles aprenderam que a melhor maneira de conversar com o patrão é com as máquinas paradas: no dia 14, uma seção da Estrela voltou a parar, insatisfeita com o acordo. Com operário não se brinca.

Araguaia 8 anos depois

No aniversário do ataque do Exército, uma guerrilheira fala da sua experiência. O que pensam as famílias dos que morreram. O programa da luta.



Marisa Uchiyama

Criméia: o marido morto em combate o filho nascido no cárcere.

Guerrilheira fala da participação das mulheres

Criméia, filha de operário, enfermeira, ex-presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem Ana Néri, no Rio. Perseguida pelos órgãos de repressão, em 1969, mudou-se para o Araguaia. Conta que decidiu ir para o campo convencida da importância da aliança operário-camponesa. Sabia que a tarefa era dura, mas sentia-se pronta a enfrentar as dificuldades.

Na sua opinião, a participação da mulher nas lutas políticas, em nosso país, aumentou muito, nos últimos anos, quantitativa e qualitativamente. E o seu ponto alto foi na resistência guerrilheira do Araguaia, onde estiveram presentes cerca de duas dezenas de mulheres, "quase" em pé de igualdade com os homens. Ela diz:

"No Araguaia, as mulheres se destacaram. Digo que estiveram quase em pé de igualdade com os homens porque devido à tradição e à educação eles estavam mais preparados para o trabalho pesado. As mulheres enfrentaram o fato de não ter experiência anterior. A vida ali exigia muito trabalho físico.

As mulheres aprenderam a participar de todos os trabalhos: derrubada, plantio, transporte de carga em lombo de burro, em canoa, na caça e na sobrevivência na mata. No início, o machado pesava muito na mão. Mas aprendemos. E também nos tornamos

hábeis no uso do facão, instrumento que lá serve para tudo. Aprendemos a usar a espingarda, caçávamos e pescávamos.

As atividades domésticas, embora mais pesadas, eram diferentes. Boa parte de nossa vida era nômade, ainda mais quando começou a guerra. As tarefas todas eram assumidas coletivamente e em rodízio, por homens e mulheres, desde cozinhar, rachar lenha, quebrar castanha, pilar o arroz. A produção de alimentos era uma tarefa coletiva. E não existia nenhuma tarefa feminina. Cada um lavava e costurava sua roupa. Isso ocorria mesmo entre os casais.

Atividades domésticas

Na cabeça de alguns companheiros existia subjetivamente a atitude de diferença entre homem e mulher. Mas a prática das mulheres lá não permitiu que isso se concretizasse em divisão de tarefas "masculinas" e "femininas". De certo modo, a situação favorecia isso, porque lá iam aprender, tanto o trabalho doméstico como a viver na mata, combater. Houve mudança no estilo de vida de todos. No início, alguns homens diziam: "não sei cozinhar". Então, dava-se atenção maior a eles para aprenderem o que não sabiam fazer. E iam cozinhar.

Muitas mulheres se destacaram. Como Sônia, pela resistência física in-

comum, fazendo derrubada com o machado. Como Helenira, destacada combatente, como Dina, que se destacou militarmente e tinha grande pontaria.

Entusiasmo das mulheres

A população local, principalmente depois dos combates, via muito bem a mulher estar em igualdade e até em posição hierarquicamente superior à dos homens.

A nossa experiência mostrou que a mulher é capaz de assumir todas as tarefas na guerrilha, inclusive de direção, como foi o caso de Dina.

Nossa experiência mostrou também que essa igualdade entre o homem e a mulher é possível a curto prazo, bastando que se mudem as relações sociais. É claro que isso se deu entre combatentes, com consciência política e posições definidas. Mas lá se pôde viver um pouco uma experiência socialista. Não estávamos presos à produção capitalista. A divisão de trabalho capitalista não intervinha no nosso dia-a-dia, permitindo essa liberdade. A experiência também não foi completa. Não havia, por exemplo, nenhum caso de casal com filho. Naquelas condições, certamente a maternidade iria complicar as coisas para as mulheres.

Quanto aos problemas como a menstruação, posso dizer que isso jamais nos impediu de trabalhar, caminhar, combater. Quem ia se preocupar com cólica menstrual quando a malária nos atacava duramente, provocando febre de 40 graus?

Na guerra o amor é rápido

Criméia foi solteira para o Araguaia. Lá, conheceu André Grabois, filho de Maurício Grabois, dirigente do PC do Brasil, e casaram-se. "Foi um casamento consensual", diz ela. "Você me pergunta se houve namoro, direi que não, se se entende por namoro uma aproximação vagarosa. Nos conhecemos, nos gostamos e pronto. Na guerra o amor anda mais rápido".

Durante todo o tempo Criméia trabalhou como enfermeira, atendendo à população local e os companheiros. Participou da resistência à primeira campanha de cerco das Forças Armadas. Entre a primeira e a segunda campanhas ficou grávida. E foi atacada de malária. Decidiu-se que deveria sair da zona guerrilheira. No sul, foi presa e torturada grávida, ameaçaram matar seu filho. Ele nasceu na prisão e, hoje, está com sete anos. O pai, André, comandante militar do destacamento "A", foi assassinado no Araguaia. Ele tinha 27 anos e estava desde 1967 na região.



Forças Armadas não respeitam as leis de guerra

Guerra suja, sem prisioneiros

Os parentes e amigos dos guerrilheiros mortos e desaparecidos durante a resistência do Araguaia procuram levantar informações sobre eles, que o governo se nega a dar. Já conseguiram elaborar uma lista com 67 nomes. Abaixo, entrevista com parentes de guerrilheiros:

"A guerra do Araguaia precisa ser conhecida agora pelo povo brasileiro. Isto não pode ser assunto para algum brasileiro daqui a 50 anos. Nós vamos esclarecer isto de qualquer jeito". É a opinião de Edgar Corrêa, pai de Elmo Corrêa e Maria Célia, e sogro de Telma Corrêa, lutadores da guerrilha do Araguaia.

Sr. Edgar fala com voz pausada, com amargura, mas com firmeza. D. Irene, sua esposa, interrompe, acrescentando um detalhe, explicando alguma coisa, deixando ver sua ansiedade e seu sofrimento. Dizem quase juntos: "Nossa primeira reação ao saber que nossos filhos estavam lá, foi de surpresa e de horror, nós sabíamos do massacre que tinha havido. Tínhamos até medo de perguntar mais. Depois, o sentimento foi de revolta contra os que criaram o Araguaia. Mas, passado o impacto, começamos a analisar o fato".

Patriotas e heróis

Sr. Edgar vai então mostrando como foi evoluindo seu pensamento: "Li tudo o que foi publicado sobre a guerrilha. Sei que meus filhos foram para lá com suas próprias pernas, sabiam o que queriam. Mesmo nas épocas de mais democracia, a maior liberdade que o povo teve, foi a liberdade de sofrer. Por isto, compreendo a atitude de luta que meus filhos tomaram".

"Compreendi que a primeira tarefa seria levantar os nomes de todos eles e

me dediquei a isto de corpo e alma. Eles foram para lá desenvolver um trabalho profundamente humano e patriótico, conscientizar o povo de seus direitos e de seus deveres para com o país. Se nós, familiares, não trabalharmos para mostrar isso, o acontecimento poderá aparecer deformado. Foram patriotas e heróis e assim é que devem ficar na história".

"Eu me instituí padrinho de todos os guerrilheiros do Araguaia. Tenho hoje certa familiaridade com todos eles. Imagino como eram o Cazuza, o Zebão, e os outros, apesar de não os conhecer. Até o fim de minha vida vou me dedicar a esta missão".

Querra sem prisioneiros

Em relação à repressão manifesta sua revolta: "Condono veementemente os comandantes que desrespeitaram tudo, degolaram e assassinaram, usaram barbaridades contra estes jovens. E preciso julgar estes crimes. Foi uma guerra que não teve prisioneiros. A Convenção de Genebra tem leis para a guerra e eles não as respeitaram nem com os filhos da própria pátria".

Sobre seus filhos, diz que em relação ao Elmo não tem esperanças, e em relação à Telma, sua nora, não tem nenhuma notícia. Mas quanto a Maria Célia, a Rosa, como era conhecida, diz que tem informações de que foi presa viva, doente e subnutrida.

Conta que está sendo organizada uma caravana à região, sob a direção do Comitê Brasileiro pela Anistia, com o objetivo de entrevistar os camponeses e moradores da área, levantar o problema dos desaparecidos e procurar mais dados sobre a luta. E erguer na região um monumento em homenagem aos mortos.



O programa dos 27 pontos

O programa de 27 pontos da *União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo* surgiu no sul do Pará no decorrer da resistência guerrilheira do Araguaia. Na opinião de Elza Monnerat que, em 1967, aos 53 anos, foi para aquela região e ali participou do movimento, o programa "foi o resultado de uma demorada pesquisa e de uma íntima convivência com a população local, com os enormes problemas, a brutal exploração e o profundo abandono que esses brasileiros enfrentam".

A seguir, um resumo desse importante documento, que continua válido para o povo trabalhador residente em regiões do interior do país:

"A união do povo do interior deve fazer-se partindo de suas reivindicações mais sentidas e mais imediatas. Que deseja o homem do interior? Quais são os problemas que mais o afetam? Ele quer:

1 — Terra para trabalhar e título de propriedade de sua posse.

2 — Combate à grilagem, com castigo severo aos grileiros.

3 — Preços mínimos compensatórios para os produtos agrícolas e venda a prazo de adubo, semente, equipamentos.

4 — Facilidade para transporte da produção e compra de animais.

5 — Proteção aos que trabalham nos castanhais, na extração de madeira e nas grandes fazendas;

6 — Assegurar aos garimpeiros direito de trabalhar livremente e regulamentar sua atividade.

7 — Liberdade de caça e pesca para alimentação. Proibição da matança generalizada de caça com o único objetivo de comercializar as peles.

8 — Liberdade para coletar e vender o babaçu.

9 — Redução dos impostos sobre o trabalho na terra e o pequeno comércio. Fim das multas dos serviços de impos-

tos e da cobrança de impostos com auxílio da polícia.

10 — Direito de todo trabalhador possuir sua arma de caça e defesa.

11 — Assistência médica por meio de postos em zonas e distritos e também, de postos ambulantes. Serviço médico gratuito para as doenças endêmicas, e pago a preços módicos, para doenças evitáveis, como sífilis. Combate à malária e à verminose.

12 — Criação de escolas nos povoados, nas margens dos grandes rios, perto das plantações, com doação de material escolar.

13 — Fim das arbitrariedades da polícia contra o povo. Não pode cobrar suas diligências, autorização para festas, as prisões, não pode prender ninguém sem motivo justificado. Não tem direito de bater nos presos, nem tirar armas, animais, instrumentos de trabalho ou objetos de utilização. Os policiais estão obrigados a manter uma atitude de respeito com o lavrador e sua família, como também em relação às mulheres.

14 — Casamento civil e registro de nascimento gratuitos.

15 — Proteção à mulher. Em caso de separação, a mulher tem direito a uma parte da produção e dos bens domésticos. Ajuda à maternidade. Cursos práticos para formar novas parceiras ou melhorar os conhecimentos das que já trabalham na região.

16 — Trabalho, instrução e educação física para a juventude. (...) Ajuda à criação de clubes, centros recreativos e culturais.

17 — Respeito a todos os religiosos, não sendo permitida perseguição por prática religiosa, inclusive a pagelância, o terecô (religiões da região), o espiritismo, sempre que não cause danos ao indivíduo.

18 — Liberdade para reunir-se, discutir problemas, criticar as autoridades,

exigir direitos, organizar associações e eleger representantes.

19 — Criação de Comitês Populares, eleitos diretamente pelo povo, para administrar distritos e povoados (...) Os comitês estabelecem, de comum acordo com o povo, as normas de proteção à plantação, contra a invasão do gado, de porcos e outros animais, orientam na maneira de criá-los sem causar prejuízo aos interesses coletivos.

20 — Eleição livre do prefeito e de um Conselho Administrativo nos municípios, e Comitês Populares nos bairros das cidades.

21 — Emprego de boa parte dos impostos arrecadados nos municípios (...) Os governos federal e estaduais devem ajudar na construção de estradas, pavimentação de ruas, instalação de luz e água, manutenção de escolas e serviços médicos.

22 — Planos de urbanização e desenvolvimento das cidades. Facilidades para construção de casas, criação de bibliotecas, radioemissoras.

23 — Terras do Estado abandonadas, nas proximidades dos povoados e cidades, devem ser distribuídas para serem cultivadas por um ano.

24 — Aproveitar grandes áreas não cultivadas em torno de cidades e povoados para criação de granjas e plantações rentáveis.

25 — Defesa da terra dos índios, respeito a seus hábitos e costumes e ajuda do governo aos indígenas.

26 — Obrigação de reflorestamento e aproveitamento total das árvores derrubadas. Benefício da madeira na região. A madeira existente em cada área de terra pertence ao possessor.

27 — Respeito à propriedade privada que não ocasione prejuízo à coletividade. Apoio às iniciativas privadas de caráter progressista, à pequena e média indústria e ao artesanato".

MATO GROSSO

Posseiros ocupam fazendas

No vale do rio Araguaia, muitos camponeses partem para a ocupação de terras. Dizem que acima da lei do governo, está a "lei da precisão".

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Terezinha informa: começou em fevereiro último um "surto de ocupação de terras" à beira da BR-158, na região de São Félix, Mato Grosso do Norte. O número de famílias que participam das ocupações dá uma idéia do tamanho do movimento: 30 na fazenda *Suiá Missu*, do grupo *Liquifarm*; 40 nas fazendas *Piraguassu* e *Frenova*, dos grupos *Yanmar*, *Cartórios Medeiros* e *Tapetes Ita*; 50 nas fazendas *Codéara* e *Tapiraguá*, do *Banco de Crédito Nacional*; de 100 a mais na *Servape* e um número impreciso na *Fazenda São José*, ambas de latifundiários mineiros. Além disso, subiu para 150 o número de famílias assentadas na propriedade da família *Goulart*. E para 300 o das famílias da localidade de *Canabrava*, numa área pretendida por três proprietários sulistas (veja o mapa ao lado).

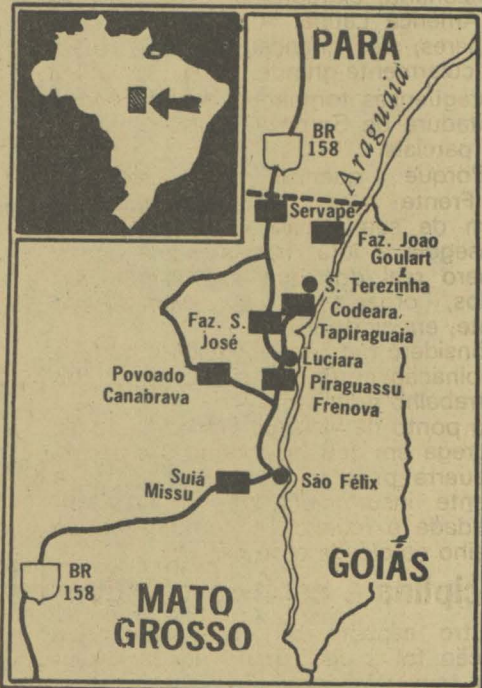
As razões dos posseiros

É um movimento novo, diferente do que havia há alguns anos atrás. Antes, havia a luta entre posseiros e grileiros, pelas terras devolutas. Agora, o fundo das terras devolutas da região praticamente acabou. As ocupações se dão em fazendas já instaladas, cercadas e funcionando.

A primeira razão para isso se ouve da própria boca dos posseiros: "É a lei da precisão. Sem terra para trabalhar, a mulher e os filhos passando fome, as fazendas pagando mal e essa carestia danada, só resta pegar um pedaço de chão pra plantar. Nós pobres não podemos nem morrer". Influi também na luta o fortalecimento dos sindicatos, que eleva o nível de consciência e organização dos trabalhadores rurais. E inclui também a notícia, que circula na região, por ouvir dizer no rádio, de que "o governo agora liberou à beira das estradas pra pobreza". E a interpretação camponesa do *GETAT*, que transforma a demagogia do governo numa realidade conquistada pelo próprio lavrador.

O dia de bater também

O Sindicato de Santa Terezinha informa que a reação da classe dominante veio imediata. Os destacamentos policiais nos povoados da BR-158 foram



Os retângulos pretos mostram as fazendas ocupadas pelos camponeses sem terra.

reforçados, vários posseiros tiveram suas armas de caça apreendidas, além de ameaças de morte e intimidações às lideranças sindicais e agentes pastorais da igreja local".

No dia 23 de março, Raimundo Muricoca, o combativo presidente do Sindicato, foi ameaçado por uma comitiva de gerentes e proprietários de 5 fazendas da região, mais o representante local do INCRA. Mas Muricoca respondeu que "não é o Sindicato que está mandando ocupar, mas sim a necessidade, a precisão dos camponeses". Numa carta "aos companheiros dos sindicatos de trabalhadores rurais", ele diz que "é a reforma agrária sendo feita pelas mãos do próprio povo". Agradece o apoio dos jovens, das donas-de-casa, dos jornais "Lamparina", "Arcoíris", "Muitidão", dos companheiros operários, de federações e sindicatos de quase todos os lugares". E é ainda Muricoca quem diz: "Quem sempre apanhou um dia bate também".

Um grande 1º de Maio

Como andam os preparativos do dia mundial dos trabalhadores em diversos pontos do Brasil.

As vésperas do 1º de Maio, aumenta o esforço para dar a esta data todo o seu significado, de grande demonstração de força e unidade, de assembléia geral mundial, festa e batalha dos trabalhadores das cidades e do campo.

Em São Paulo, como em todo o Brasil, os preparativos da manifestação unitária trazem a marca da solidariedade aos metalúrgicos em greve em São Bernardo e Santo André. Este ano, mais uma vez, o dia do trabalhador será em primeiro lugar um dia de apoio aos companheiros do ABC, que estão na linha de frente de uma luta que é de todos os explorados, contra as multinacionais, o patronato reacionário e o regime militar. Daí a decisão de realizar a concentração unitária da Grande São Paulo no estádio de Vila Euclides, em pleno coração de São Bernardo. O Movimento Contra a Carestia, um dos responsáveis pela grande manifestação do 1º de Maio de 1979, embora até agora não tenha sido convidado a participar da preparação, vem dando seu apoio, através dos comitês de luta nos bairros, convocando as famílias a participar e levantando fundos, conforme decisão de sua plenária.

Em Belo Horizonte e Contagem, assim como em Fortaleza, houve mais de uma comemoração no ano passado, mas este ano o empenho é no sentido de um 1º de Maio unificado. A classe operária, amadurecida na luta, lida com os pelegos e conciliadores a partir de posições mais favoráveis. E tanto em Minas Gerais como no Ceará as comemorações se estenderão igualmente aos trabalhadores e sindicatos rurais.

Também em Pernambuco o campo vai dizer presente no dia mundial de luta dos trabalhadores. Os sindicatos de Vitória de Santo Antão, Barreiros e Rio Formoso, entre outros, programaram manifestações, onde se destacará o protesto contra a sabotagem, por parte dos usineiros, da convenção conseguida com a greve de outubro último.

Em Salvador, o 1º de Maio de 1979 já representou um bom avanço, apesar do boicote de pelegos do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Mas o deste ano deverá ser bem maior. Para Walter Ribeiro, presidente do Sindicato, ele será um "dia de luta e não de confraternização com os patrões". Já Benjamim Ferreira, ex-líder metalúrgico, hoje na construção civil, ressalta que "o 1º de Maio tem que ser na rua, como comício". E Edelson Ferreira, da oposição sindical bancária, propõe "uma

Um brasileiro na Nicarágua (III)

Cada povo faz seu caminho

Luis Eduardo Greenhalgh conclui o relato de sua viagem falando da originalidade da revolução nicaraguense

Cada revolução tem seu caminho próprio e suas particularidades. Não se pode copiar mecanicamente o que ocorre num país e transplantá-la para outro.

No caso da revolução nicaraguense, considero uma especificidade a da participação das massas no processo revolucionário, extraordinária, pelo menos na América Latina. A participação das mulheres, das crianças e da Igreja foi particularmente grande. Mais de 50 mil nicaraguenses tombaram na luta contra a ditadura de Somoza. E esses dados são parciais.

Porque quando um membro da Frente morria, por exemplo, alguém de sua família vestia a farda e prosseguia a luta. Isso significa que o número real dos que combateram armados, organizados no exército da Frente, era ainda maior.

Considero também novidade a perfeita combinação entre o trabalho no campo e o trabalho na cidade.

Do ponto de vista da Frente é que ela congrega em seu bojo tanto a corrente da guerra popular prolongada como a corrente insurreccionalista. E essa originalidade é reflexo da combinação do trabalho na cidade e no campo.

Disciplina e espírito coletivo

Outro aspecto que me chamou a atenção foi a disciplina. Todos os partidos revolucionários têm que ter disciplina. Mas na Frente Sandinista eu tive ocasião de observar. Assisti a algumas reuniões de seus membros. E vi que no decorrer das discussões cada um defendia ardentemente suas posições, brigava mesmo. Mas depois de tomada a decisão, todo mundo levava as diretivas à prática, mesmo que tivesse divergido delas.

Também achei interessante a falta de líderes carismáticos, a existência de uma direção colegiada. Geralmente todo Partido tem um líder: Lênin, Stálin, Enver Hodja, Mao, etc. Mas lá a direção era colegiada. Perguntamos muitas vezes nas ruas para diversas pessoas: quem é mais importante? Qual a figura principal desse governo? E 90% delas nos responderam: é a direção da Frente, são todos eles.

Novas formas de luta

Outra coisa interessante: as formas de luta utilizadas. São já conhecidas dos partidos revolucionários: insurreição urbana e guerrilha rural, cerco e aniquilamento, etc. Mas os nicaraguenses criaram muito em cima disso. Durante todo o processo de insurreição criaram,

1º DE MAIO TRABALHADORES UNIDOS NA LUTA CONTRA O ARROCHO



GARANTIA NO EMPREGO
SALÁRIO MÍNIMO REAL E UNIFICADO
REFORMA AGRÁRIA
LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL
LUTA CONTRA A CARESTIA
AUMENTO REAIS DE SALÁRIOS

ESTÁDIO DE VILA EUCLIDES - 10h
SÃO BERNARDO (perto da prefeitura)

UNIDADE SINDICAL

O cartaz da Intersindical campanha para levarmos milhares para a praça".

No Rio de Janeiro, abre-se a possibilidade de uma manifestação bem mais concorrida e combativa do que a do ano passado, que foi relativamente fraca. De lá para cá, categorias tão numerosas e importantes como as dos metalúrgicos, motoristas, bancários e professores passaram pela escola da greve, que sempre ensina a valorizar a solidariedade entre os trabalhadores.

No Rio Grande do Sul, a Intersindical assumiu a realização de toda uma semana de atividades, incluindo um Encontro Estadual de Trabalhadores, uma concentração em Porto Alegre e uma passeata da panela vazia em Caxias, o maior centro metalúrgico do Sul.

No Espírito Santo, em 1979, apenas o Sindicato dos Jornalistas promoveu algumas palestras, mas este ano há perspectivas de encontros e debates abrangendo várias categorias.

O traço comum nas notícias que chegam dos diversos pontos do país é o avanço. O 1º de Maio de 1980 promete ser um dos maiores de nossa história. E poderá representar mais um passo importante no fortalecimento das posições combativas dentro do movimento operário e sindical, ajudando a colocar a pelejada na defensiva e a preparar seu fim.



Guerrilheiros: vitoriosos

por exemplo, tarefas para os sexagenários. Perguntamos a vários velhos sobre o que haviam feito durante a luta. Uma velhinha nos disse: "eu enrolava mensagens codificadas dos 'muchachos' e colocava no coque".

As crianças também tinham tarefas específicas. E o caso das bombas de contato que já mencionei. Elas jogavam bombas na esteira dos tanques que, ao andar, explodiam.

No que se refere à Igreja, foi muito interessante como se conseguiu compatibilizar a teologia da libertação com os princípios sandinistas. Os membros da Frente deixavam os padres fazerem todo seu trabalho de conscientização e depois procuravam cobrar deles um compromisso maior com a luta. Devido a isso a Igreja em geral apoiava a luta dos sandinistas contra Somoza.

Sem sectarismos

Finalmente gostaria de destacar a ausência de sectarismo que caracterizou a revolução da Nicarágua. Em toda a condução da luta, todo mundo tinha o direito de dizer o que pensava. Discutiam, faziam reuniões para se tomar as decisões. E procurava-se incorporar todas as lições que emanavam do povo. E isso ocorre ainda hoje.

Em cada quarteirão de Manágua existe um pequeno jornal mural. E cada bairro tem o seu jornal mural, onde o povo faz críticas e sugestões para a direção da Frente. E a Frente é obrigada a responder em 30 dias às colocações feitas pelos comitês de bairro, pelos trabalhadores, etc.

Resumindo, cada revolução tem seu caminho próprio. Há que combinar os princípios gerais de luta revolucionária com as particularidades de cada país e de cada povo".

A ÉPOCA DA CLASSE OPERÁRIA

A greve metalúrgica em São Paulo é o grande acontecimento político nacional do mês. Galvaniza a simpatia e a solidariedade do povo, abala ministros, inquieta todo o regime militar. No fundo, é a classe operária brasileira que vai assumindo seu papel, de força principal da sociedade contemporânea.

Há alguns anos parecia não ser assim. A primeira vista, dir-se-ia que os operários se deixavam explorar pacificamente e estavam condenados a ter um lugar apagado na vida do país. Mas era uma aparência enganosa. Quando a luta popular se acendeu e ganhou proporções realmente de massas, foi o proletariado que despontou na frente.

E não podia ser de outro jeito. Cada época histórica tem um classe social no seu centro, e a que estamos vivendo é a era do proletariado. Há 60 anos, havia no mundo cerca de 50 milhões de operários e no Brasil uns 200 mil. Hoje, são 540 milhões de operários no mundo e mais de 10 milhões no Brasil. Ligados à produção industrial moderna, eles representam o que há de mais progressista na sociedade atual. Formam a classe que livrará a humanidade da opressão nacional e da exploração do homem pelo homem, das crises e guerras.

Nenhuma outra classe reúne as condições para vanguardar a solução dos problemas de fundo da atualidade. No

Brasil, a burguesia, mesmo quando manifestou certo interesse em transformações de caráter progressista, mostrou uma lamentável incapacidade para realizá-las. É uma classe excessivamente ligada ao latifúndio, ao capital estrangeiro e ao regime reacionário, sempre disposta aos compromissos e à capitulação, como mostram os episódios de 1930, 1932, 1954, 1964, 1968 e, de certa forma, a realidade atual.

Não há outra alternativa

A pequena burguesia brasileira é uma camada social com tradições combativas e até revolucionárias. Deu mostras de valor na resistência ao fascismo e tem um papel positivo a desempenhar. Mas é um setor marcado pelo selo da vacilação. Ainda agora, vários de seus representantes, que há dez anos chegaram até a empunhar armas contra a ditadura, renegam esse passado. Muitos perdem o rumo diante da "abertura" fiquelrediana. Sem dúvida estão na oposição, mas nem sempre confiam nela. Vivem choramingando que a consciência do povo é baixa, que há pouca organização e muita divisão, que as lutas não são aquilo que eles gostariam que fossem.

Orá, a classe operária, representada por seus melhores filhos, não foge à análise realista das dificuldades e pontos

fracos do movimento popular. Desenvolve inclusive a visão crítica de si própria, de sua juventude, de sua relativa in experiência e incultura política (fruto, em grande parte, dos últimos 16 anos de reação), da ausência, no momento atual, de uma liderança amplamente reconhecida e acatada, do assédio que ela sofre por parte das classes e camadas não proletárias.

Força e fraquezas

Mas esta atitude não é motivo para se perder de vista as formidáveis possibilidades que se abrem para a causa do povo e da democracia. Nem, muito menos, para lamúrias sobre debilidades reais ou fictícias do movimento operário. Acontece que a força da classe operária vem de sua posição na economia e na sociedade, tem natureza permanente e tende a crescer na medida em que o tempo passa. Enquanto as debilidades são fruto de circunstâncias determinadas, passageiras, e podem ser superadas. A greve dos metalúrgicos, no ABC e no interior de São Paulo, oferece mil exemplos de como se verifica na prática este processo. Os operários vão, ainda intuitivamente, testando suas forças. E não param para se lamuriar de seus pontos fracos. Partem para superá-los, com otimismo, com confiança, com garra.

Stroessner e Figueiredo unidos contra o povo paraguaio

"Diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és"; Stroessner e Figueiredo entenderam-se às mil maravilhas. Enquanto isso, opositoristas paraguaio são reprimidos em seu país e no Brasil.



No mapa, a localização do Paraguai e a área que vem sendo invadida pelo expansionismo brasileiro.

Ao lado, o exército paraguaio em operação de guerra contra camponeses.



A visita do general Figueiredo ao ditador do Paraguai, Alfredo Stroessner, foi cheia de juras de amor e trocas de elogios. De concreto, resultou um acordo para a construção da "ferrovia da soja", que deixará os paraguaios ainda mais à mercê do expansionismo brasileiro. Enquanto isso, em São Paulo, o líder opositorista paraguaio Domingo Laino era detido e submetido a humilhações pela Polícia Federal brasileira. E, do outro lado da fronteira, o dirigente camponês Victoriano Centurión caía prisioneiro da ditadura de Stroessner.

Repressão brutal

Dois meses antes, Centurión, junto com outros camponeses da região de Caaguazu, havia tentado seqüestrar um ônibus. Tencionavam ir a Assunção, falar com membros do governo sobre seus problemas de terras e suas dificuldades para sobreviver. Deparamaram porém com uma unidade policial, que enfrentaram como puderam. No choque foram mortos 18 camponeses e os restantes refugiaram-se na selva das cercanias.

O exército paraguaio realizou uma verdadeira "operação pente fino" na área, mobilizando 5 mil soldados e helicópteros. Usou do terror contra a população dos vilarejos locais para evitar qualquer tentativa de apoio aos camponeses foragidos. Foram aprisionados mais de 300 camponeses durante as buscas. Não se pouparam mulheres e crianças.

Agora, finalmente, a ditadura de Stroessner conseguiu aprisionar Vic-

toriano Centurión, na localidade de Santa Teresa, no departamento de Alto Paraná. Calcula-se que ele tentava atravessar a fronteira, em direção ao Brasil. Um companheiro seu, Blas Rodas, foi assassinado por um grupo paramilitar ao procurar contato com parentes no departamento de Cordillheiras. De Centurión, sabe-se que foi levado vivo a Assunção, mas há um silêncio total sobre o assunto por parte das autoridades paraguaias.

Problema antigo

A situação que levou Centurión e seus companheiros a se revoltarem contra as condições de miséria e contra o governo de Stroessner vêm de longa data. Vem desde a Guerra do Paraguai, em que o Brasil monárquico e escravista destruiu a ferro e fogo uma das repúblicas mais progressistas da América do Sul.

Antes da guerra, 95% das terras cultiváveis do Paraguai eram trabalhadas comunitariamente pelos camponeses. Depois, elas passaram para as mãos de latifundiários e empresas estrangeiras. Desde então, os lavradores paraguaios vêm sendo expulsos de seus lares por jagunços. E sob o governo de Stroessner a coisa agravou-se ainda mais.

Stroessner é um homem "inteiramente nosso", conforme declarou, sem rodeios, o general Milton Tavares, comandante do II Exército brasileiro. "Nosso", no caso, quer dizer dos generais, dos grupos capitalistas, dos interesses expansionistas do Brasil. Domingo Laino escreveu um livro, intitulado "Paraguai: fronteira e pene-

tração brasileira", mostrando a verdadeira "invasão pacífica" que o Paraguai está sofrendo sob Stroessner.

A exploração brasileira

Calcula-se que, diariamente, 500 caminhões de toras de madeira são contrabandeados do Paraguai para o Brasil. A Federação dos Madeiros Paraguaios, preocupada com suas perspectivas de lucro, vem denunciando o contrabando desde 1974. A resposta de Stroessner foi autorizar a instalação de mais 25 indústrias madeiras — quase todas de capital brasileiro — em torno de Pedro Juan Caballero.

Além disso, 300 mil brasileiros vivem hoje no Paraguai. São na maioria paranaenses e gaúchos que passaram a fronteira atraídos pelas terras férteis e baratas. Eles já somam um décimo do total da população paraguaia, conservam seus vínculos com o Brasil e são considerados por muitos paraguaios como uma ameaça à soberania do país.

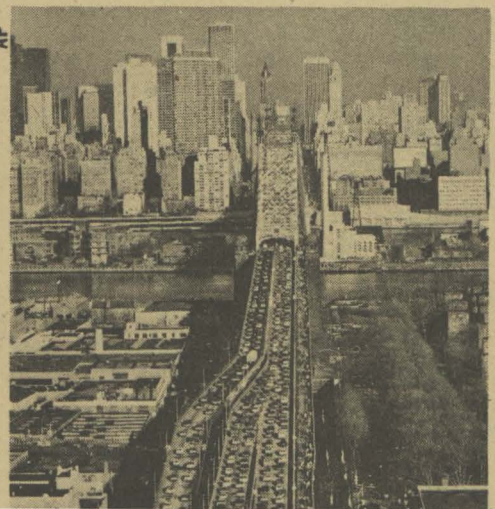
Esse processo tenderá a agravar-se com a construção da "ferrovia da soja" e também da usina hidroelétrica de Itaipú. O jogo sobre o povo pobre do Paraguai deverá tornar-se mais pesado, enquanto a repressão que se abateu sobre Centurión e seus companheiros fará novas vítimas. Mais e mais firmas brasileiras se instalarão no Paraguai. Mas o povo brasileiro nada ganhará com isso. Um povo que oprime outro povo não pode ser livre. Brasileiros e paraguaios estão do mesmo lado nesta luta. Do lado oposto estão Stroessner e Figueiredo, como bem mostraram os últimos acontecimentos. (Da Sucursal de Curitiba)

Vitória operária no México

Operários do aço no México pararam, ganharam e levaram.

Os 14 mil operários da empresa Altos Hornos do México, conseguiram na greve uma expressiva vitória: aumento salarial de 20 por cento e mais benefícios sociais no valor total de 61 milhões de cruzeiros. A greve, que paralisou a maior empresa siderúrgica do país (produção de 200 mil toneladas de aço por dia) é mais um exemplo da força e da tenacidade da classe operária em geral e da categoria dos metalúrgicos em particular.

Os operários da siderurgia mexicana sustentaram a paralisação durante nada menos de 31 dias. E só retornaram ao trabalho de cabeça erguida, com a satisfação de suas reivindicações.



CDM Centro de Documentação e Informação Fundação Maurício Grabois



fala o POVO

Escrever para Fala o Povo é uma forma de luta. Muitos correspondentes obtiveram êxitos a partir das denúncias que fizeram em nossa seção. Os operários da Flexform, de Guarulhos, por exemplo, conseguiram formar uma comissão de fábrica. Os da Frangominas, em Belo Horizonte, conseguiram aumento de salário. Continuem a escrever. Façam desta seção uma coluna de luta contra a opressão e a exploração! (Olívia Rangel)

Vem aí a União dos Aposentados

A situação dos aposentados da Previdência Social cada dia, cada mês, cada ano que passa vai se deteriorando a tal ponto que se torna a curto prazo insuportável. O critério usado pela Previdência para calcular nossos proventos é incompreensível, pois não leva em conta a elevação do custo de vida e nem a inflação que nos sufoca, como se os aposentados vivessem em outro país.

Impossibilitados e incapazes de enfrentar esta situação, somos marginalizados como inúteis, formando uma legião de homens e mulheres cujo "crime" foi terem trabalhado trinta ou mais anos, até mesmo com sacrifício da própria vida, para herdarem uma aposentadoria que em vez de ser um prêmio é um castigo para o fim da vida.

Só nos resta uma saída, se formos capazes de nos organizarmos numa frente única, congregando todos os aposentados de Norte a Sul do Brasil num só bloco de União dos Aposentados do Brasil. Lutaremos pela igualdade de vencimentos com os trabalhadores em atividade, atendimento médico pelo INAMPS, isenção ou abatimento de impostos, etc.

Apoiaremos com nossos votos nas próximas eleições os parlamentares que lutarem pela nossa causa, independente das legendas a que pertencerem. Pelos números que somos e pela influência que temos com nossos familiares, poderemos eleger uma respeitável bancada no próximo pleito, dando uma demonstração de unidade que por certo se transformará em respeito por nossa causa. (H.L. - São Paulo, SP)

Estão enrolando os trabalhadores rurais de Jequié

O Sindicato Patronal de Jequié, Bahia, mantém um convênio com o ex-Funrural, para atendimento médico aos trabalhadores rurais. Este vem de muito tempo negando o atendimento aos trabalhadores que recebem guia no sindicato de sua categoria. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié, ao receber as guias devolvidas, envia para a Coordenadoria Geral e isto morre aí mesmo em todos os casos. É a lei do gordo! (W.S. - Jequié, BA)

Hiléia brasileira

Sendo um dos assíduos leitores deste destacado órgão de divulgação, a *Tribuna Operária*, e preocupado com o futuro da nossa Amazônia, hoje entregue às empresas estrangeiras, resolvi fazer este pequeno trabalho sobre esta região tão massacrada pelas multinacionais:

Tão bela, tão formosa, intrincada por vários tipos de plantas. Índios, pássaros e animais que nela viviam tranquilos. Hoje não desfrutam mais. Da tranquilidade de outrora. Chegou o homem, com ele as máquinas. Com as máquinas chega o "progresso". O "progresso" é uma preparação para as grandes catástrofes. Que certamente surgirão. O verde está sumindo. Dando lugar ao "progresso". As máquinas devastam tudo. É o homem em busca do sucesso. (R.A.B. - Maceió, AL)



No sertão da Bahia, viaja para os vereadores do governo

Brumado: povo arranca verba para flagelados

Somos moradores de Brumado, Bahia, e já há algum tempo acompanhamos a *Tribuna Operária*. Agora iremos usá-la como tribuna de denúncia de um problema que a população de nossa cidade sofreu.

Ocorre que aqui na região, como em outras partes do país, choveu muito nos últimos dias e, em consequência, centenas de casas desabaram nos bairros pobres e até mesmo no centro da cidade. Seus moradores, sem terem para onde ir, ficaram desabrigados. Depois, conseguiram com a prefeitura que ficassem nos prédios escolares. Mas, com o decorrer do tempo, começaram a passar privações.

O governo mandou um caminhão de alimentos que, até agora, o povo não viu. A prefeitura quis liberar uma verba de três milhões de cruzeiros. A Câmara Municipal foi convocada para se reunir por quatro dias consecutivos para aprovar a liberação da verba. No primeiro dia de reunião a Câmara lotou de desabrigados e pessoas que exigiam providências. Porém,

os vereadores da antiga Arena, que são maioria na Câmara, foram contra o projeto, fazendo com que o povo protestasse. Então, o presidente da Câmara, como não está acostumado a ouvir a voz do povo, suspendeu arbitrariamente a sessão.

Nesses dias houve comícios em frente à Câmara. (...) No quarto dia havia mais ou menos 500 pessoas presentes e, diante de tal pressão, os vereadores da ex-Arena apareceram, sendo recebidos com imensa vaia e faixas exigindo soluções imediatas. Só assim foi reaberta a Câmara e liberada a verba.

Outra coisa que precisa ser ressaltada é que havia um vereador do governo armado. Coisa que também não é admissível é que chamaram soldados da PM para vigiar o povo.

De tudo isso tiramos uma lição: o governo é mesmo inimigo do povo. (...) Outra lição é que o povo unido consegue vitórias. (F.L., E.A., e A.M. - Brumado, BA)

Posseiros: terra para quem nela trabalha

No dia 29 de março foi realizado um ato público no Salão Paroquial da Catedral São Sebastião em Presidente Prudente, São Paulo, em apoio aos posseiros da Gleba Santa Rita do Pontal, (município de Teodoro Sampaio), que estão ameaçados de despejo por um fazendeiro chamado Justino de Andrade, que se diz dono das terras.

No salão Paroquial estavam mais ou menos 300 pessoas que foram levar seu apoio aos posseiros da gleba.

Também estiveram presentes representantes do PMDB, como o deputado Mauro Bragato, representantes do sindicalismo, padres, estudantes, trabalhadores e um grupo de posseiros da gleba.

Vários oradores usaram da-

Murilão, você já não nos engana

"Greve não deve ser feita. Traz prejuízo à Nação. Aumenta o custo de vida. Faz crescer a inflação". É o que diz apavorado O Ministro Murilão.

Um sujeito incompetente. Tem cara de ferrador. Para o operário não passa de um grande enganador. Sua maldade é conhecida de todo trabalhador.

Veja bem seu gorilão. Trabalhador não é otiário. 16 anos de arrocho. Fez crescer no operário. A consciência e o dever. Do cidadão proletário.

Dever com seus companheiros. Na luta e na união. Na defesa de sua Pátria. Engrandecendo a Nação. Expulsando os exploradores. Pregando a libertação.

E é por isso, Sr. Ministro. Que a greve é nosso instrumento. Na luta por liberdade. Ela é nosso fermento. E não vamos deixá-la de lado. Por causa do seu lamento.

Use tudo que quiser. Do rádio à televisão. A mentira e a enganação. Faça mais comerciais. Mas não tenha mais ilusão. Trabalhador do Brasil. Você não engana mais não. (D.M. - São Paulo, SP)

palavra para afirmar que "a reforma agrária é uma necessidade nos dias em que vivemos" e que não é mais possível uns poucos terem tanta terra enquanto uma maioria não possui nada.

Os religiosos que participaram do ato afirmaram que a terra, segundo os mandamentos da Igreja, é de todos. Que a terra é para ser usada por todos. (E.R. - Presidente Prudente, SP)

Vitória! comissão de fábrica na Flexform

A *Tribuna Operária* veiculou notícias a respeito da arrogância e dos desmandos da direção da Flexform contra seus trabalhadores. O dono ameaçou comprar toda a edição e queria saber quem "inventou" tais infâmias.

contra a empresa e quem levou tais fatos para a imprensa. Depois disso, "permitiu" que se formasse a comissão de fábrica. Ele acha que com isso vai controlar os operários! (Um operário da Flexform-Guarulhos, SP)

Estudantes conseguiram carteira mais barata

Os estudantes secundaristas de Alagoas iniciaram há duas semanas a luta pela redução do preço da carteira de estudantes, que em 1979 foi de Cr\$50,00 e em 1980 teve um aumento de 80%, passando para Cr\$90,00. Os estudantes fizeram um abaixo-assinado que colheu mais de 11 mil assinaturas só na capital.

aos estudantes que só deixaremos de ser explorados por empresas particulares quando reconstruirmos nossas entidades livres. Até 1968 a União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas, UESA, era quem emitia o documento. Mas com seu fechamento à força nesse ano, este passou a ser emitido pela Secretaria de Educação que, por comodismo, passou para uma empresa particular, a Servipomove, que lucra milhões de cruzeiros nas nossas costas. (Núcleo de apoio dos secundaristas à T.O. - Maceió, AL)

"Mão Branca" é a polícia

Há algum tempo que não se fala de outra coisa no Rio de Janeiro, que não seja o tal do "Mão Branca". É notícia de primeira página em mais de um jornal. Há quem diga que o "Mão Branca" é o Exército, outros dizem que é apenas invenção dos jornais para vender mais. Seja como for, ele conta com a simpatia de uma parte do povo.

É que a criminalidade está chegando num ponto insuportável. Não existe ninguém que não foi assaltado ou que não conheça alguém que tenha sido vítima de assalto. Com tanta violência, o povo vê a eliminação de marginais como uma solução. Mas isto não vai resolver o problema da criminalidade. E não interessa ao governo e à polícia esclarecer a população sobre o que está por trás destes crimes.

Há pouco tempo um colega foi assaltado no subúrbio. Quando chegou na delegacia para dar queixa, encontrou um marginal sendo torturado e confessando diversos crimes e logo depois comprometendo-se a pagar aos policiais uma quantia de 10 mil cruzeiros para ser libertado. É claro que ele vai conseguir este dinheiro com outros assaltos. Desta forma, os policiais aumentam sua renda, deixando o povo sem proteção. Este é apenas um exemplo do que ocorre todos os dias nas delegacias do Rio. (...)



E quando o marginal se rebela e se nega a dividir seus roubos com a polícia, entra na lista do tal "Mão Branca". É a chamada "queima de arquivo", para impedir que a corrupção seja denunciada.

Toda vez que o Secretário da Segurança e o Judiciário começam a brigar, aparece o "Esquadrão da

Morte". A Secretaria da Segurança e o Poder Judiciário têm formas diferentes de corrupção. E toda vez que o Judiciário pressiona para descobrir as irregularidades na polícia, começa a "queima de arquivo". Quem é então o "Mão Branca"? (J.C. - Rio de Janeiro, RJ)

Trabalhador não pode pagar crise

As coisas neste nosso (se assim posso dizer) país nunca vão alcançar a seriedade necessária. Pelo menos para mim parece brincadeira o que está acontecendo nesta terra de "palmeiras onde canta o sabiá".

Vendo o que acontece em São Paulo, onde milhares de pessoas pedem um aumento para que possam viver dignamente, educar seus filhos e ter onde pôr o pé, e vêm os patrões e lhes negam esse direito, já não bastando o que eles sugam do nosso trabalho. Até aí tudo bem, pois é a lei do capitalismo selvagem (...). Mas vem o nosso "estimado" Ministro do Trabalho dizer que o aumento pretendido por essas milhares de pessoas é muito, aí é brincadeira.

Ora bolas! O aumento pode ser até de 200%. O que está errado é o sistema, que desde tempos atrás é voltado para as multinacionais que exploram o trabalhador brasileiro. Temos que analisar não em termos de porcentagem, mas em termos reais, se o salário é compatível com o atual custo de vida. Temos que nos voltar para o povo brasileiro e lhe dar uma vida digna de um ser humano, temos que deixar de favorecer uns poucos às custas da massa.

Vamos pôr o pé no chão e voltarmos para a realidade. Se a situação econômica não é boa, nós sabemos de quem é a culpa. Sabemos também que não é do trabalhador assalariado. E por isso ele não deve pagar pelo crime que nós cometemos. (E.P.T. - Juiz de Fora, MG)

Governo não quer que o povo estude

A Educação nunca foi objeto de atenção por parte dos nossos governantes, por isso, as verbas destinadas a ela vêm sendo cortadas de ano a ano, de forma muito acentuada. Basta dizer que só neste ano, o Orçamento Federal destina a absurda quantia de 4% para a Educação enquanto 33% são destinados às forças armadas e repressivas.

Este corte de verbas é realmente absurdo. Pois, em 1946, a Constituição obrigava o Estado a destinar o índice de 12% do orçamento para a educação e hoje o regime militar suprimiu da Constituição a obrigatoriedade desse índice.

Sem contar que em 1962, 70% das escolas superiores eram pú-



Coca-Cola, Isto é que é exploração!

Camilo Viana é um dos pelegos da fábrica Coca-Cola, de Belo Horizonte. Quando eu entrei para a fábrica eu estudava. Passando uns dias, Camilo chegou perto de mim e disse: "você tem que parar de estudar, se quiser trabalhar". Eu não dei moleza e não aceitei a proposta dele. Mas daí, eles começaram a catimbar, colocando promoção à noite para eu fazer constantemente, com o objetivo de me prejudicar.

O tempo foi passando e eu perdendo aula. Chegou um dia em que explodi e resolvi pedir a conta. Isto eles fazem com todos os funcionários que lá trabalham. As condições de trabalho são das piores. E eles exigem trabalho bem feito. As condições de atendimento médico são horribes. Se você pega uma ficha e não comparece é obrigado a pagar Cr\$ 50,00. E

todas as vezes que a gente não comparece é porque está fazendo promoção fora do horário de serviço, que eles exigem. Dentista, a gente pega ficha num dia e é atendida dois meses depois. Eles acham também que as funcionárias são obrigadas a serem exploradas não só no serviço, mas deixar também que explorem seu corpo. Surgem então altas "cantadas".

Os ajudantes de caminhão são os mais escravizados. Pegam serviço às 6 hs. da manhã e não têm horário de largar. Pagam uma miséria: alguns recebem Cr\$ 5.600,00 e outros Cr\$ 3.200,00. E quem sustenta a casa? Como é que se come? O dinheiro vai todo em passagem e desse jeito, companheiros, vamos morrer de fome. Temos que dar um jeito nisso. (Uma funcionária da Coca-Cola - Belo Horizonte, MG)

Jornal fechado, 200 demitidos

Através da *Tribuna Operária* denunciei o fechamento de mais um jornal em Porto Alegre - o terceiro apenas nos últimos meses. Desta vez foi a "Folha da Manhã", da Companhia Jornalística Caldas Junior. O início das demissões, que deveriam chegar a 200 pessoas entre gráficos, motoristas e jornalistas - atingiram as pessoas que mais combatividade demonstraram nas lutas salariais e por melhores condições de trabalho, já que os restantes foram transferidos para os outros órgãos de comunicação da mesma companhia (1 TV, 1 Rádio e mais 2 jornais). Causando o medo do desemprego, que cresce muito nestas áreas, os patrões estão tentando manipular todas as formas organizativas dos trabalhadores. (Uma jornalista de Porto Alegre/RS)

O povo de Caetité se une: não quer ser gado

No dia 3 de março os moradores do bairro da Ladeira, em Caetité, Bahia, se reuniram em assembléia para discutir os problemas do bairro e buscar formas de lutar unidos por melhores condições de vida. É a primeira vez que isso acontece na cidade.

Na discussão foram levantados todos os problemas que hoje enfrenta o povo do Brasil. Os 160 moradores se reuniram nas escadarias do portão do cemitério e denunciaram a miséria em que vivem: falta de água encanada, luz, calçamento, falta de assistência médica e de escola gratuita no bairro.

Tudo começou com um trabalho de assistência feito pelo Centro Es-

tudantil e Residência dos Estudantes em Salvador, que depois de passar de casa em casa orientando a população em relação à questão da higiene, discutindo as causas de tamanha miséria, despertou os moradores para reivindicarem seus direitos.

Ná assembléia foi tirada uma comissão de 11 representantes do bairro e aprovado um documento contendo as principais reivindicações da população, tais como: encanamento urgente de água, luz, calçamento nas ruas, assistência médica gratuita, escola e loteamento de um terreno abandonado que pertence à antiga Escola Agrícola, para os moradores cultivarem.

Na entrega do documento, o prefeito se comportou como qualquer coronel e dono do poder, ameaçando os representantes e dizendo que não pode fazer milagre. Os moradores não tiveram direito de falar, mas voltaram dispostos a continuar a batalha. Já se fala em associação de bairro e em união dos bairros contra a exploração e a opressão.

O povo de Caetité já não aceita mais ser tanguado como gado sem destino, entregue à fome, à miséria e ao analfabetismo. Agora a união é a palavra de ordem. O povo da Ladeira já não sonha, faz do seu braço seu viver. (Um morador de Caetité, BA)

Professores apóiam camponeses

Nós, professores do Magistério Público, signatários do presente instrumento, forçados pelas circunstâncias de desigualdade de trato e remuneração condigna ao desempenho de nossas funções, vimos de público expor nossa verdadeira situação de dificuldades e vexames por que estamos passando.

Desde os primeiros dias de trabalho tivemos de enfrentar as mais severas dificuldades de transporte. Isto porque muitas entre nós foram citadas para dar aulas em lugares de acesso quase impraticável e sem situação empregativa. Pois as verbas com que nos pagam são repassadas da Secretaria para o município.

É justo e oportuno dizer para que todos possam sentir toda a extensão de nossa angústia. Por isso estamos em praça pública dando apoio aos lavradores, pais de nossos alunos. As conveniências pedem justiça social. (Grupo de professores públicos de Cachoeira de Macacu-RJ)

se, mas não pensem que a gente vai ficar com medo, porque estamos firmes. Dia 20 fizemos uma assembléia onde discutimos várias propostas. Mas foi um fracasso, pois apareceu uma pessoa querendo conciliar, tentando esvaziar nosso movimento. Estávamos dispostos a no dia seguinte sair às ruas, fechando as lojas, unindo os nossos companheiros. Mas ele manobrou uma parte da turma. Mas isso não fica assim, não. Vamos firmar os pés no chão e partir para a luta. Temos os nossos direitos e temos consciência disso. A gente tá sofrendo, passando fome, humilhação por causa desses patrões que da gente não têm dó. Por causa da burguesia que vive nos explorando. Companheiros, vamos ser fortes e unir todas as nossas forças até conseguirmos vitórias. (Alguns comerciantes de Belo Horizonte, MG)

atrelado ao Ministério do Trabalho e à ditadura, que tudo faz para manter o povo sob o tacão de sua bota.

Atualmente cada trabalhador desconta oito horas de seu salário para manter Sindicato, Federação e Confederação. Concretamente, está subvencionando três organizações que pouco o representam. Ao invés disto, propomos que o trabalhador dê ao Sindicato duas horas, em cada dissídio semestral, ou uma hora por trimestre. Com uma economia de 50% a ser descontada parceladamente, o operário estará se livrando de uma estrutura que remonta à década de 30.

Será um grande passo em direção à autonomia e à liberdade sindical, que pressupõem ainda: direito de greve, livre escolha de seus dirigentes e um controle direto da administração sindical. As verbas serão utilizadas livremente pelos sindicatos, que poderão tomar fundos de greve. As contas serão aprovadas inclusive por assembléias, sendo prestadas diretamente aos trabalhadores e não ao Ministério do Trabalho. (João de Deus, Rio de Janeiro, RJ)

de mês. Taxas altíssimas, por sinal. Assim, o consumidor paga taxa sem ter consumido água.

O SAAE alega falta de água, sendo que a Barragem de Ceralma está cheia. Só não falta água na casa do Prefeito e do Diretor do SAAE e demais burgueses, que têm água de sobra para lavarem seus carros, regarem seus jardins (o que é proibido pela SAAE) enquanto a imensa maioria da população sofre com a falta de água. (Uma dona-de-casa de Guanambi, BA)



Na Bardella, boicote deu certo

A comida na Bardella, há alguns anos, era boa e diversificada. Ultimamente estava intragável: arroz empapado, carne dura e mal cozida, feijão duro ou queimado, etc. Após a passagem de um abaixo-assinado exigindo melhoria na comida servida, os trabalhadores pensaram que a coisa ia melhorar. Mas tudo permaneceu igual. Partiu-se então para o boicote: na usinagem praticamente 100% dos trabalhadores boico-

taram a comida. Na calderaria e montagem, mais de 50%. Na trefilação ninguém participou do boicote, mas ele foi vitorioso. O boicote foi feito numa segunda e terça-feira. Na quarta-feira a comida melhorou muito. O pessoal da trefilação deve ter notado a mudança, pois ninguém chiou nesse dia. Espera-se que da próxima eles também se unam a nós para lutar pelos direitos de todos. (Um operário da Bardella - São Paulo)

Patrão, pelego e polícia contra comerciários

Em Belo Horizonte todos os comerciários estão unidos e lutando contra esse miserável salário imposto pelo governo e pelos patrões. Queremos 60% de aumento.

A gente está muito revoltado com a diretoria do nosso sindicato, com o nosso presidente, aquele safado do Wagner. Ele é um pelego dos grandes, está do lado dos patrões. Não podemos deixar ele continuar na diretoria, temos que derrubar esta diretoria do sindicato e colocar gente nossa, disposta a levar a luta pra frente. Dia 25 de dezembro aquele safado colheu várias assinaturas de comerciários, aproveitando para entregar uns michos presentes para a nossa família. Com essas assinaturas ele aprovou uma assembléia, burlando assim o interesse da maioria, que não estava presente.

A gente não aceitou isso. Temos o direito de organizar uma assembléia ampla da categoria para discutirmos juntos nossas reivindicações. Numa reunião democrática feita por nós foi aprovado que deveríamos marcar outra assembléia. Então marcamos para o dia 11 de março, às 19,30 horas, na praça da Estação. Mas a repressão caiu em cima, pressionando vários companheiros, e então tivemos que mudar de local, pois a Secretaria de Segurança não permitiu que fizéssemos nossa assembléia ali. Fomos para as escadarias da Igreja São José e decidimos fazer uma nova concentração, no mesmo local, no dia 13 de março. Neste dia, mesmo com a presença da repressão, conseguimos tirar uma comissão de finanças para a sustentação do movimento.

Está tendo infiltração de fiscais nas reuniões para intimidar a clas-

sidades, porque no campo continuava o regime cruel do latifúndio.

Estamos em 1980 e ainda temos remanescentes da ditadura getulista como Ari Campista. Temos sindicatos com diretorias da década de 30 e não temos condições de derrotá-los. Qual o pensamento do diretor do Sindicato? E passar para a Federação. Qual é a intenção do dirigente da Federação? É angariar um posto na Confederação. Tudo isto não é para servir os trabalhadores e sim para ser um verdadeiro nômade, um aristocrata dos bons, desligando-se do pensamento operário.

As reivindicações de autonomia e liberdade sindicais exigem uma nova estrutura, bem mais representativa e democrática, com maior empenho das lideranças.

Vamos exemplificar: cada Sindicato, proporcionalmente ao número de operários de sua categoria, elegeria representantes para uma Intersindical mantida pelos sindicatos. Desta organização seriam eleitos companheiros que comporiam uma Central Sindical.

O Imposto Sindical seria extinto e o trabalhador não estaria mais

Só não falta água na casa do prefeito e dos ricos

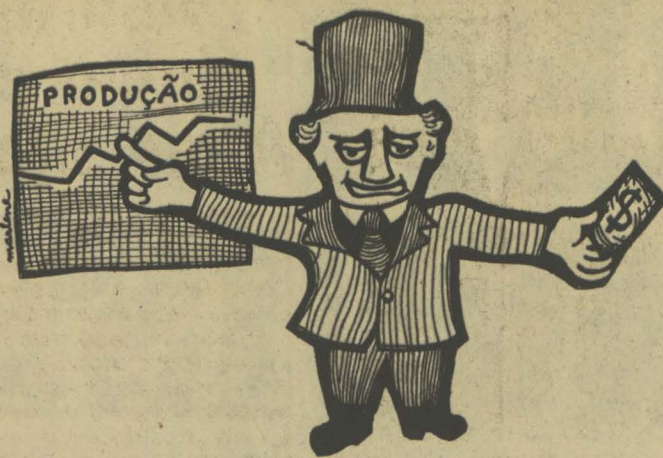
Estou escrevendo para denunciar mais um dos inúmeros problemas passados pela população de Guanambi: o SAAE, que é quem cuida do abastecimento de água aqui, está agindo de forma desrespeitosa para com a população de nossa cidade.

O principal problema é a constante falta de água, sendo que chega a se prolongar por oito dias consecutivos, obrigando as donas-de-casa a pagarem meninos para pegarem água a Cr\$ 5,00 a lata.

Tem bairro que tem água encanada e vai água uma vez por mês. Quando vem água, depois de protestos das donas-de-casa ainda vem água barrenta, pois aqui não existe água tratada.

Nos bairros onde não tem água encanada, os moradores têm que se reunir e arcar com as despesas de encanamento, pois o prefeito não está preocupado com o bem estar da comunidade.

Só uma coisa não falta: a "taxa de pagamento", que vem todo fim



A BRAFER só pensa em ferrar os operários

Nós, operários da BRAFER, de Belo Horizonte, estamos cansados de ser explorados ganhando um salário tão pequeno e com um trabalho tão intenso. E onde há diferença de salários para a maioria dos operários, sendo que todos fazem o mesmo serviço.

A insalubridade; nós nunca recebemos. A nossa alimentação é ruim, e não tem higiene. O leite servido à noite é azedo, e o pão vem com barata. Os banheiros são pequenos e vivem sujos, parece que não tem ninguém para fazer a limpeza.

Quando acontece de alguém faltar ao serviço, eles dão balão ou advertência. E o chefe já diz que se faltar outra vez vamos ter um balão de cinco dias. Quando pedimos para falar como o famoso chefe, como dizem, somos tratados com a maior estupidez. Se pedimos aumento, ele diz para pedirmos demissão, já que nada pode fazer por nós.

Este chefe já teve a coragem de dizer que a companhia só pensa em melhoria para os funcionários e que nós temos que zelar pela fábrica já que nós, operários, somos donos também. Isto é uma safadeza, pois estamos ganhando um salário de fome.

Nós só temos 20 minutos para a refeição, mas a cantina fica longe. Cadê o nosso tempo para refeição? O ambulatório parece ser patrimônio da empresa. Quando vamos lá eles dão um comprimido e dizem que se quisermos mais temos que comprar. Sabemos que o médico está na fábrica é para garantir os patrões, não abonando atestados. Muitas vezes não temos condições de trabalhar e ele diz que não é nada. Sabemos também que os patrões têm o apoio do governo para que possam continuar o roubo de nossos salários. (Um grupo de operários da BRAFER - Belo Horizonte, MG)

Trocado por boi

Quero começar dizendo que quem me obrigou a vir para cá (Belo Horizonte) foi o fazendeiro com quem trabalhava na cidade de Ferrugem de Matheus, no norte de Minas. Por sinal, este fazendeiro é até meu parente. Ele me dava a terra de sociedade, sendo que as despesas eram por minha



conta. Além da metade ser dele, havia muitas exigências. A gente plantava arroz, feijão e milho; e por fora fazíamos serviço de graça para ele, como consertar cercas, desmatar e plantar capim. Se a gente pedia algum cereal emprestado, pagava em dobro e ele ainda roubava. Além de tudo, jogava os bois na plantação e nós não podíamos fazer nada. Minha mulher é

que ia lá e espantava o gado e fechava as porteiras de noite, pra ninguém ver. Até que um dia ele me trocou por boi, dizendo que boi era mais importante do que eu, porque dava lucro.

Mas o que nós queríamos mesmo era voltar para lá e ter um pedaço de terra pra trabalhar. Esta situação um dia tem que melhorar. (A.B. - Belo Horizonte, MG)

O selvagem Wetzel me explorou 15 anos

Fundei, iniciei o trabalho de alta produtividade que é a recuperação de caçambas, tratores, escavadeiras, dragas e máquinas de terraplanagem em geral. Os meus contratantes não tinham o menor conhecimento destes serviços que eu prestava. Eles aprenderam comigo. Iniciei em 1958 e até 1968 ganhava Cr\$ 2.000,00 por hora, correspondendo a dez salários mínimos. O salário mínimo era de 49 mil cruzeiros velhos.

Em 1969 o selvagem, explorador, ganancioso e egoísta que é o Allen Wetzel, da WMME, reduziu meu provento para três salários mínimos. Reclamei e ouvi gritos e ameaças do explorador Wetzel. Ele assinou minha carteira profissional com três salários, passou a comprar mais máquinas com os sete salários que ele me rebaixou ou roubou. Aumentou a compra de máquinas velhas para eu recuperar. Mais serviço e pressão do explorador Wetzel. Ele me disse: "se tu não der conta do serviço eu ponho três caras, cada um com um salário mínimo e tu que te fale".

Então, passei a atender grande quantidade de trabalho. Pegava às 6 hs. largava às 22 hs. Fazia até 80 horas extras por mês e o explorador Wetzel cortava 30 horas e só pagava 50 horas sem os 25%.

Em 1972, sob forte pressão para que trabalhassemos sábado à tarde em uma draga velha e já com os salários extremamente marginalizados nós pedimos Cr\$ 10,00 por hora. Fui corrido pelo selvagem explorador Wetzel. Por estas humilhações e marginalizações a que fui submetido requeri aposentadoria. Como Wetzel não conseguiu substituto, retornei e mandaram-me trabalhar em S. Jerônimo. Ao chegar na terceira semana eles queriam que eu trabalhasse na oficina e continuava a desenfreada escravatura. O selvagem Wetzel me disse: pode ir embora. E ele pagou o que quis, sem comprovante.

Foi assim que com 15 anos do meu trabalho fundei a W.M. Máquinas e Equipamentos. Com desgaste físico, com visão e audição alterados por causa dos raios infra-vermelhos. Recorro aos Direitos Humanos. (O.B. - Porto Alegre, RS)

Providências contra os patrões

Vimos por meio desta levar ao conhecimento deste jornal e de todos os oprimidos que de hoje em diante eles não estarão sós, porque organizamos um grupo que lutará de todas as formas para defender os operários, os pobres e todos os explorados. Mesmo que sejamos forçados a tomar providências que sejam desagradáveis para os patrões e o governo.

Não achamos necessário explicar

os motivos dessa organização. Mas queremos acrescentar que temos pouca verba mas muita coragem. Isso nos permitirá atingir um alto grau de adesões e prosperidade.

Nossos contatos serão feitos nas praças de Igrejas. E os necessários que levem dados das pessoas que os oprimem e exploram. Atenciosamente, (Grupo de Esquerda Jovem - Goiânia, GO)

A UM HERÓI DO ARAGUAIA

A partir deste momento vou narrar meu caro amigo a vida de Rosalindo um sujeito destemido e hoje nossa cidade deve chorar de saudade daquele herói tão sofrido.

No tempo de estudante aqui e em Salvador pela sua inteligência ligeiro se destacou trabalhando dia e noite estudou com valentia pra um dia ser doutor.

Perseguido na Bahia Rosalindo foi pro Rio. Pois na UFBa o governo sua matrícula proibiu mas trabalhou para pagar uma escola particular onde os estudos concluiu

Formando em advocacia voltou para esta cidade onde ele advogou com muita honestidade e prestou como cidadão grande contribuição a nossa coletividade.

Tinha uma vida normal até que um certo dia recebeu intimação vinda da Auditoria. Al ele foi julgado e a dois anos condenado pela ação que se respondia

Nesta mesma ocasião Rosalindo escapuliu e a partir daquela data o Exército o perseguiu pois em toda nação dominava a repressão ao movimento estudantil

Então foi pro Araguaia participar da guerrilha deixando grande saudade no coração da família que sem dúvida ainda dói



mas sua estrela de herói até hoje ainda brilha.

Toda sua humildade e sua valentia disposição para a luta e pra democracia devem hoje ser lembradas pelas pessoas empenhadas na luta pela anistia.

Houve diversos mártires e outros haverão de existir mas há de chegar o dia em que o fascismo irá cair aí sim, com liberdade haverá prosperidade e o país vai progredir.

Quando chegar esse dia Itapetinga há de lembrar do seu filho Rosalindo cuja vida foi lutar e que morreu lá no Araguaia vítima de uma toada do regime militar.

(R.F.J. - Itapetinga, BA)

DIREITO DE GREVE SE CONQUISTA NA GREVE

Prova de força: metalúrgicos do ABC enfrentam conspiração do governo e dos patrões



Acima, policiais brontos para a repressão. Abaixo, comparação da nossa polícia com a do Xá.



Derrotado em suas manobras, maneios e ameaças pela impressionante disposição de luta dos metalúrgicos do ABC, ao fim de 15 dias de uma greve monolítica o governo mandou a Justiça de Trabalho desdizer-se e declarar a greve ilegal. O TRT submeteu-se descaradamente e foi buscar um artigo da lei 4330, a tristemente famosa lei antigreve, decretada pelo ditador Castelo Branco logo após o golpe militar de 1964. Desmascarou-se a Justiça do Trabalho, mostrando que não há justiça alguma, que é apenas um dócil instrumento em defesa dos interesses dos patrões e do governo. E desmascarou-se o governo, que na hora do aperto, continua a usar a legislação fascista que conserva em vigor.

Aí está a ditadura, com sua verdadeira face. Aí está a conspiração articulada pelo governo, patrões, justiça do trabalho, imprensa, rádio e TV contra os trabalhadores para negar o direito de greve. O que mostra, mais uma vez, que os trabalhadores e as massas populares só podem contar consigo mesmos, somente com sua luta podem defender seus interesses, conquistar o direito de greve e outros direitos. E que sua luta, além de buscar melhores condições de vida tem de ser também uma luta pela democracia, pelo fim da ditadura antipoperária e antipovo.

Chega de Pescaria

A nova fase da greve que se inicia, com o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, prometendo intensificar a repressão policial e ameaçando intervir nos sindicatos, traz uma intensificação da luta de classe. E como disse um dos membros da diretoria do sindicato de São Bernardo, o "Alemãozinho", "Chega de pescaria, chega de descanso. Todos têm de assumir de vez a responsabilidade pela greve, porque pode haver intervenção e prisão dos dirigentes e da comissão de salários. Só voltaremos ao trabalho com os 15% de aumento além do INPC, estabilidade de um ano etc."

A grande greve dos metalúrgicos entra, assim, numa fase mais difícil, que exige uma mobilização mais intensa de todas as energias, mais ação dos grevistas, nas portas de fábrica, em manifes-

tações públicas. Exige o aprofundamento da organização dos grevistas.

Para Santo André as dificuldades podem ser maiores. Apesar de a greve ali mostrar forte disposição dos trabalhadores, a comissão de salários é composta de poucos representantes de fábrica. Além disso, poucas das grandes empresas locais estão representadas. O que dificulta a intensificação da organização a nível de fábrica, instrumento que se torna mais importante na medida em que a ação do inimigo de classe se torna mais rígida. É urgente o esforço para reduzir essas debilidades organizativas que resultam do estilo da direção da greve, até aqui pouco ativa nesse aspecto. O crescente comparecimento de grevistas às assembleias de Santo André é um indicador da grande disposição de luta daqueles trabalhadores e de que eles poderiam ser organizados para enfrentar em melhores condições o endurecimento da luta.

Prova de força

A cada nova assembleia em São Bernardo os grevistas votam por unanimidade em favor da demissão do ministro Murilo Macedo. Este não é um ato vazio. É uma aspiração e uma pressão real que os trabalhadores exercem contra a política do governo de arrocho salarial e de negação da liberdade sindical. Com sua grande greve abalaram o ministro do Trabalho e golpearam fundo a nova lei de arrocho salarial por ele inspirada. Estão pondo em cheque a própria política econômica do governo, inspirada e comandada por Delfim Netto.

Ao lado das ameaças de Murilo Macedo, já se anunciam novas medidas de arrocho salarial determinadas por Delfim. Ele decidiu que nos cálculos do INPC não entrarão mais reflexos inflacionários dos aumentos de preço do petróleo importado. Enfim, Delfim decidiu que os reajustes salariais serão menores, mais inferiores ainda do que já são em relação ao aumento do custo de vida. É a prova de força. A vitória dos trabalhadores significará uma derrota talvez irreversível para a política de arrocho. Mas ela dependerá de sua disposição de luta, de que ponham em tensão todas suas forças e que atuem organizadamente. Porque força para isso eles têm.



80 mil votos a favor da demissão de Murilo Macedo.

Tribuna da Luta Operária

Agora é hora da solidariedade

O apoio econômico e político ganha importância

No momento em que a greve do ABC foi decretada ilegal e a ameaça de intervenção pesa sobre os sindicatos, a solidariedade aos metalúrgicos parados adquire maior importância. De certa forma, o próprio governo politizou o movimento, e, com isso, deu novas razões para as forças populares e democráticas redobram seu apoio ao ABC.

Um problema político

Já surgiram nestas duas semanas iniciativas ousadas, de solidariedade política e militante. No centro da capital paulista, uma manifestação de rua chegou a reunir mais de 6 mil pessoas. Zé Pedro, metalúrgico de Osasco, ressaltou na ocasião que "não vale apenas o apoio financeiro, o apoio das lideranças sindicais, o apoio de boca. Temos de mostrar também o apoio político ao ABC". No Rio, mil populares reunidos na praça da Cinelândia reforçaram ainda mais a idéia de que os operários do ABC não estão sozinhos.

Este gênero de ação expressa de forma mais concentrada o conteúdo mes-

mo da solidariedade. O que une os trabalhadores do Brasil e até de todo o mundo não é apenas a luta econômica, salarial. Acima do interesse imediato existe o interesse comum, no nível político, de resistir ao regime antipovo.

Problema muito concreto

Mas a solidariedade é também uma questão muito concreta, material. É de se ver, por exemplo, o entusiasmo dos grevistas com a campanha, lançada por João Paulo Pires, de Monlevade, de doação de uma hora de salário de cada trabalhador para o fundo de greve.

Cada cruzeiro que vai para os grevistas é um reforço necessário. Ao contrário do que o governo diz, os metalúrgicos de São Bernardo e Santo André são uma categoria mal paga e explorada.

A solidariedade multiplica suas forças quando se organiza. Somente na capital de São Paulo, mais de 50 comitês populares se formaram ao nível de base, nos bairros, para dar apoio à greve, enquanto surgiram nas fábricas

comitês de solidariedades operária, classista.

Organização

Somando os esforços de apoio aos grevistas, constituiu-se em São Paulo um grande comitê de entidades sindicais, populares e democráticas. Mas — verdade seja dita — nem sempre ele corresponde à expectativa dos metalúrgicos do ABC. Uma minoria de entidades resolveu formar um comitê à parte (curiosamente denominado "Unidade Sindical") introduzindo no movimento o germe do divisionismo, que é o oposto do espírito solidário. Os grevistas esperavam que tanta energia fosse empregada para uma ajuda mais efetiva ao seu movimento. Esperam, de todos os trabalhadores, atitudes como a dos bananeiros de Itanhaém. José Arnóbio, presidente do sindicato local, explicou aos metalúrgicos: "Os bananeiros têm menos condições de vida que os bois dos fazendeiros, que pelo menos têm veterinário quando ficam doentes. Mas vão mandar um caminhão de bananas para os grevistas do ABCD".



São Paulo: 6 mil na manifestação popular de solidariedade à greve.

Greve no interior surpreendeu governo

Pelegos não conseguiram conter metalúrgicos de 20 cidades

A paralisação dos metalúrgicos do interior durou apenas três ou quatro dias. Logo depois, a Fiesp (federação dos patrões) publicou matéria paga em todos os jornais de São Paulo: "Todos já estão trabalhando em Pindamonhangaba, Taubaté, Cruzeiro, Piracicaba, Guaratinguetá, Santa Bárbara do Oeste, Sertãozinho, Sorocaba, Ribeirão Preto, Jundiaí, Campinas, Indaiatuba, Araquara, Mococa, Ourinhos, São Carlos, Monte Mor, Cravinhos, São José do Rio Preto e Marília".

Mas a própria lista — 20 cidades — mostrava que esta foi uma vitória de Pirro, que vai custar muito caro aos patrões. Marcou o despertar de uma legião imensa de metalúrgicos, em cidades onde muitas vezes a categoria nem existia antes de 1964.

Piracicaba, um exemplo

Piracicaba serve para ilustrar este processo. A categoria metalúrgica da cidade é bastante jovem, em grande parte recrutada no campo. A luta abriu seus olhos. A primeira assembleia convocada pelo sindicato compareceram uns 3 mil operários; à segunda, 6 mil, quando a greve foi decretada; à terceira, compareceram 8 mil, à quarta, cerca de

12 mil.

Foi quando os pelegos passaram a jogar água fria na ferveria. A assembleia seguinte, na quinta-feira, dia 3, contou com uma presença menor (4 mil). A diretoria aproveitou a ocasião e fez aprovar, por uma pequena margem, a volta ao trabalho. Pesou aí a inexperiência e a desorganização da categoria.

Num balanço geral, o movimento foi positivo. As 2 mil operárias da Philips de Piracicaba, por exemplo, antes mal sabiam o que era uma greve, um sindicato. Travaram contato com todo um mundo novo.

Em Campinas, a violência

Campinas é a maior concentração metalúrgica do Estado, fora da Grande São Paulo. No entanto, a adesão à greve não foi total. A falta de organização nas fábricas, mesmo com exceções, como a Mercedes, e sobretudo as artimanhas do presidente do sindicato, Cid Ferreira, dividiram a categoria. A paralisação só saiu quando a assembleia do dia 1º interrompeu o falatório de Cid gritando "greve". Tudo que se fez pela greve foi por conta dos próprios operários e da comissão salarial.

Mas o principal obstáculo foi a

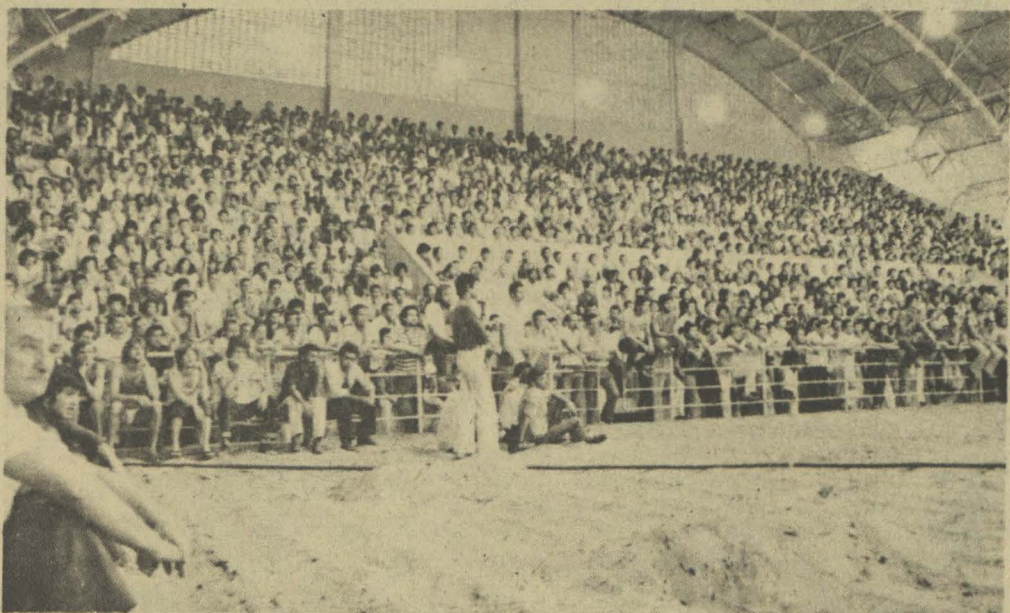
polícia. Os piquetes foram violentamente reprimidos. Um operário chegou a ser hospitalizado, devido ao espantamento que sofreu na porta da Bosch.

Segunda-feira, uma assembleia esvaziada pela diretoria sindical, resolveu pela volta ao trabalho. Ficou a lição de que para sustentar uma greve até a vitória e enfrentar a violência policial não basta apenas entusiasmo, é preciso organização pela base. E ficou a consciência de que é preciso varrer o peleguismo do sindicato.

O velho dá lugar ao novo

Ao chegar ao interior de São Paulo, a maré grevista revelou com clareza duas tendências: a ascensão da classe operária e a decadência do peleguismo.

Muitas cidades que até ontem levavam uma vida apática, apagada, foram sacudidas pela greve, que revolucionou conceitos e atitudes. O movimento operário passou a ser uma presença palpável, um ponto de referência para o povo pobre do interior, nas zonas urbanas e rurais. Com a paralisação de abril ele começou a desenvolver, embora ainda em embrião, as qualidades que distinguem o grande proletariado industrial.



Assembleia de 12 mil, em Piracicaba. Abaixo, repressão em Campinas



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois